Nós vimos a cobra fumar

Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial

Italo Diogo Tavares

Organizado por Eduardo Diogo Tavares

Nós vimos a cobra fumar

Italo Diogo Tavares

Organizado por Eduardo Diogo Tavares

Revisão:
Nádya Argôlo e Nadyr Argôlo

Organização:
Eduardo Diogo Tavares
diogotav@uol.com.br
diogo.escriba@gmail.com

Projeto gráfico:
Jean Beligardi

Fotos:
Acervo pessoal e sites da internet

http://diariodeguerra.zip.net/

http://piazzabrasile.blogspot.com.br/

http://diogotav.wix.com/escriba

ESCRIBA
Comunicação & Consultoria

A cobra fumou

Embora mantivesse oficialmente até então a neutralidade, o Brasil se viu envolvido na II Guerra Mundial após uma série de torpedeamentos por submarinos alemães de navios civis brasileiros em navegação próxima à costa. Os ataques, que entre 1941 e 1944 resultariam no afundamento de 33 embarcações e na morte de mais de mil brasileiros, provocaram forte comoção e a mobilização popular exigiu que o país se juntasse aos Aliados na guerra contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Desta forma, mesmo sob um regime ditatorial mais identificado com o fascismo, o Estado Novo do presidente Getúlio Vargas, o Brasil declarou guerra no dia 22 de agosto de 1942 contra o nazismo e o fascismo que aterrorizavam a Europa. Em 6 de janeiro de 1943, o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, fez uma exposição de motivos ao presidente da república propondo a organização de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB) e em 9 de agosto de 1943, através da Portaria Ministerial nº 47-44, foi determinada a organização da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE), composta por

unidades de infantaria, artilharia, engenharia e saúde, entre outras, num total de 25.334 homens (15.069 da tropa combatente).

Originalmente, pretendia-se estabelecer três divisões expedicionárias de infantaria, mas as dificuldades em se organizar a 1ª DIE fizeram com que todos os esforços fossem concentrados nesta única divisão. Essas dificuldades, segundo versão oficial, decorriam da necessidade de se adequar o Exército do Brasil a conduzir operações de guerra fora do território nacional, para o qual não havia sido treinado, e do elevado índice de treinamento necessário para se utilizar com eficácia o equipamento norte-americano.

Entre 30 de junho e 1º de julho de 1944, o 2º Grupamento Tático da FEB embarcou a bordo do navio de transporte de tropas norte-americano *General Mann*, como se estivesse em treinamento. No dia de 2 julho, este navio, transportando o comando e o primeiro escalão de embarque, zarpou do porto do Rio de Janeiro, sendo escoltado até Gibraltar pelos

contratorpedeiros *Marcílio Dias, Mariz e Barros* e *Greenhalg*, da Marinha do Brasil.

Os 5.090 homens do primeiro escalão de embarque da FEB chegaram no dia 16 de julho à Itália. Outros embarques de tropas se seguiram em 22/09/44, 25/11/44 e 09/02/45. Ao chegar na Itália, a FEB passou a fazer parte do 5º Exército dos Estados Unidos, comandado pelo general Mark Wayne Clark.

Desde sua criação, parcialmente em função da posição dúbia do getulismo, a FEB foi alvo de desconfiança. Entre os críticos, surgiu a máxima de que seria mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil lutar na Europa. Como resposta, a FEB tomou a cobra fumando como símbolo e os pracinhas sentenciaram: a cobra vai fumar. Esta edição especial e limitada do diário de guerra do tenente Italo Diogo Tavares homenageia os 70 anos desta campanha, uma das páginas mais importantes da história, e busca contribuir contra o esquecimento sistematicamente imposto a estes brasileiros.

Embarque do primeiro grupo de expedicionários

APRESENTAÇÃO

Um caso de vocação

Dona Edegardina Ribeiro Tavares, ou dona Dega, como a chamavam o velho guerreiro *Chacrinha* (Abelardo Barbosa) e outros amigos antigos da família, dizia que seu filho Italo sempre quis ser militar. Mas era muito magrinho e não tinha o peso necessário para ser aceito. De forma que foi às custas de exercícios e dieta a base de muita banana que ele conseguiu ganhar algum corpo para realizar seu sonho, começando pelo Colégio Militar, onde fez todos os estudos.

Italo - 5 meses

O único irmão dele, Hélio, que era três anos mais velho, morrera de difteria com sete anos de idade, fazendo com que Italo fosse criado praticamente como filho único. A exceção seria Marcília, que dona Dega passou a criar ainda criança de colo e da qual Italo havia sido escolhido padrinho. Depois, dona Dega adotaria informalmente também mais duas crianças: Rodrigues e Rosa.

Dega, Octavio, Italo (na mesa) e Helio

Italo, entretanto, era o único herdeiro de Octavio Diogo

Tavares, formado em Medicina, Direito e Contabilidade, mas funcionário público de carreira. Era a possibilidade de manter o sobrenome de origem portuguesa. Octavio, filho de Augusto Diogo Tavares, que era filho de Manuel, filho de José Diogo Tavares.

Não é difícil imaginar o que deve ter significado para aquele casal o embarque do seu único filho natural vivo para a guerra. Ao vê-lo partir, dona Dega chorou, rezou e provavelmente fez promessas a todos os santos. Mas não havia jeito de mantê-lo em casa. Afinal, desde pequeno Italo sempre quis ser militar.

O diário que se segue foi escrito durante a campanha dele na II Guerra Mundial. O relato começa no dia 29 de junho de 1944, em meio aos preparativos para o embarque. Muito bem escrito e organizado, inclusive com documentos, desenhos e postais (reproduzidos nesta edição), o diário retrata de forma incrivelmente precisa a guerra do ponto de vista de um jovem tenente, suas amizades e paqueras, suas dúvidas, esperanças e frustrações. Em alguns momentos, é a inocência da juventude em contraponto com a crueldade do mundo. Em outros é a revolta diante da incompetência do comando

brasileiro e da existência de um grupo de privilegiados colhendo as glórias da vitória no glamour da retaguarda e enriquecendo com desvios de suprimentos e muambas. É o relato sincero e sem concessões sobre a existência de dois exércitos brasileiros, o "saco A e o saco B", dicotomia que até hoje persiste na própria sociedade do país. Soldados do mesmo exército, em pânico, se matando uns aos outros, glórias exageradas e outras esquecidas, miséria econômica e moral de um país devastado pela guerra. Morte e vida. Tiros de canhão e bailes ao som de acordeom. É o dia-a-dia do pracinha brasileiro na Itália e a lição de que é possível colher coisas boas mesmo em meio ao caos e à desagregação. Tudo isto está neste sincero e comovente diário. Até mesmo um outro Italo, comunicativo e desprendido, um Italo que muitos gostariam de ter conhecido em vida e não puderam.

Carnaval de 1934 - 10 anos

Farda até na Primeira Comunhão

Só os mortos conhecem o fim da guerra.

Platão

Se você está atravessando o inferno... não pare.

Winston Churchill

É mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil enviar tropas para a guerra.

Frase que se tornou popular como anedota
sobre a falta de preparo do Brasil para levar
a termo a Declaração de Guerra
e que inspiraria o lema da FEB
"A COBRA VAI FUMAR"

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1944

Estamos hoje de prontidão às 17h. A informação que nos foi prestada era que iríamos passar 15 dias no campo, tendo instrução no âmbito do *RI**, porém nós tínhamos a impressão que seria o embarque para os campos de batalha. O meu capitão deu-me três horas para ir em casa me despedir de minha família.

Encontrei em casa somente minha mãe e a Marcília. Foi dificílimo abordar o assunto que me levava a casa. Já sabia que minha mãe não resistiria à minha partida. Quando entrei para a Escola Militar, levou tempo para que ela se acostumasse a passar a semana toda sem me ver e sem ter notícias minhas. Era preciso telefonar todas as quartas-feiras dando notícias, pois, se não o fizesse, era certo ela lá aparecer na quinta-feira, à hora da saída, após o jantar. Nem me recordo como fiz ver a ela que devia partir. Creio que balbuciei apenas algumas palavras. O tempo era tão curto. Não foi possível me despedir de meu pai e de meus avós.

Caderneta escolar - 1939

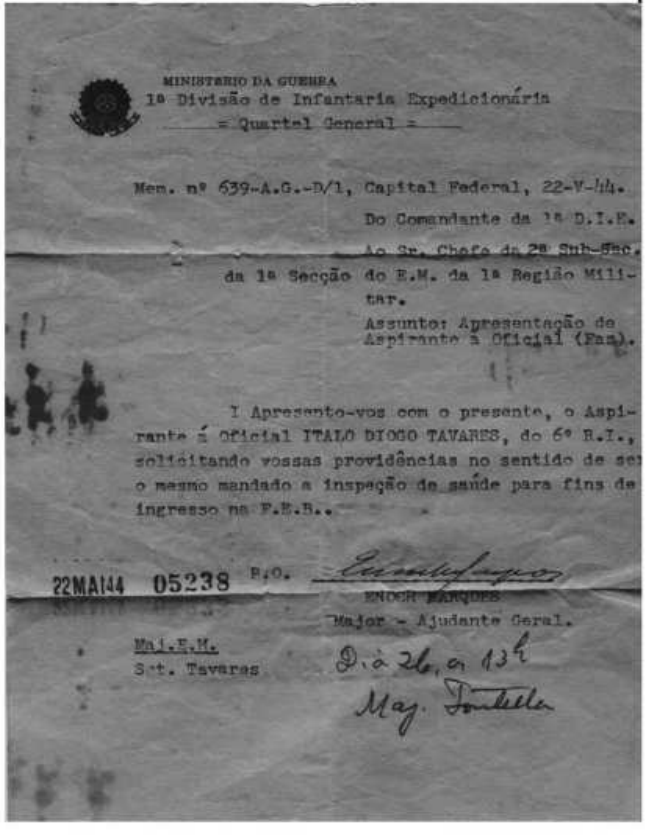
Prestei a ela as últimas informações sobre como deveria fazer para se corresponder comigo. Ao me despedir, ela não resistiu e, chorando, me disse: "Vai, meu filho, vai". Saí com os olhos cheios d'água, não por ter que

**Regimento de Infantaria*

me ir, porém por saber que minha mãe ficaria sofrendo com a minha ausência. Ela, que há 20 anos não se separava de mim.

Depois de passar pela cidade e comprar as últimas coisas para o meu uso pessoal, dirigi-me para o quartel. Na cidade, encontrei-me com o tenente Nilo, indo com ele comprar os objetos de necessidade. Não embarcamos neste mesmo dia. Somente o 1º Batalhão se deslocou nesta noite. Dormi ainda no quartel, com o coração e o pensamento voltados para o meu lar.

Solicitação para exame médico



MINISTERIO DA GUERRA
1ª Divisão de Infantaria Expedicionária
= Quartel General =

Mem. nº 639-A.G.-D/1, Capital Federal, 22-V-44.

Do Comandante da 1ª D.I.E.

Ao Sr. Chefe da 2ª Sub-Sec. da 1ª Secção do E.M. da 1ª Região Militar.

Assunto: Apresentação de Aspirante a Oficial (Fam).

I Apresento-vos com o presente, o Aspirante á Oficial ITALO DIOGO TAVARES, do 6º R.I., solicitando vossas providências no sentido de ser o mesmo mandado a inspeção de saúde para fins de ingresso na F.E.B..

22MAI44 05238 P.O.

ENOCH MARQUES
Major - Ajudante Geral.

Maj.E.M.
Sgt. Tavares

D. à 26, a 13h
Maj. Tonkella

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1944

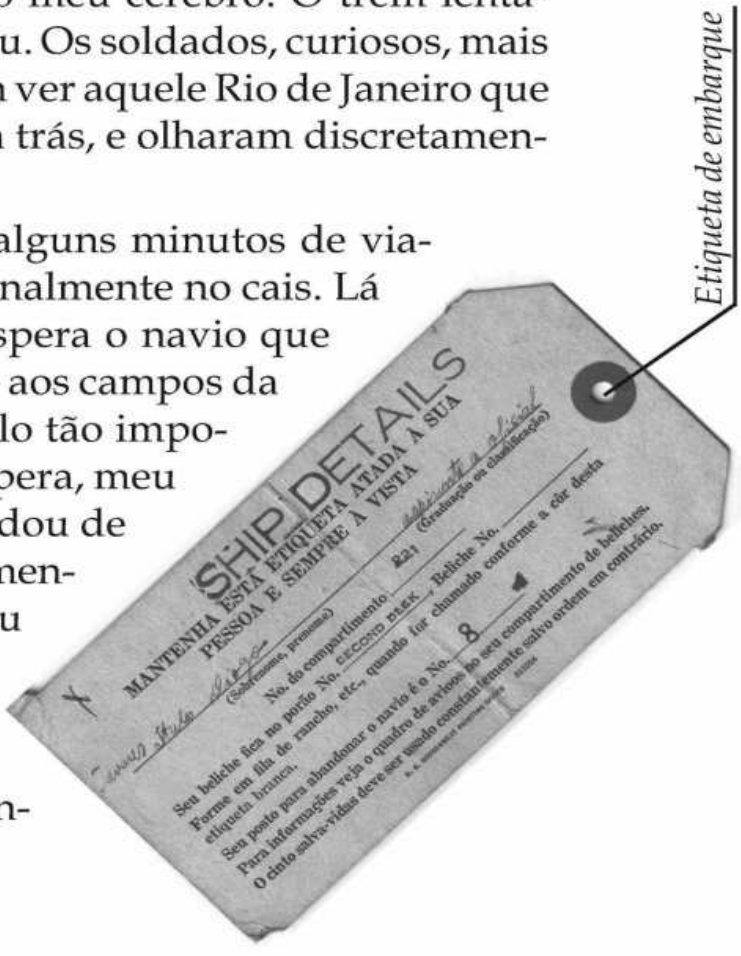
Após passar todo o dia no quartel em preparativos, partimos. O momento da partida não me sairá jamais da lembrança. Aquele azafama de lacrar portas, de queimar os papéis que iríamos deixar e limpar o alojamento todo, isto nos deixava um pouco tristes. Porém, sentia-me contente por embarcar para defender o meu Brasil.

Às 9h, mais ou menos, embarcamos. As companhias e os pelotões com seus comandantes a testa se deslocaram para a estação que há atrás dos quartéis da Vila Militar. Que impressão que eu senti ao ver o trem que nos conduziria para o navio!

A tropa embarcou rapidamente. Todos iam contentes e felizes. De vez em quando, um soltava uma piada que a todos divertia. Neste momento, eu me lembrei dos meus amigos que eu deixava no Rio: o "Americano", o Luiz, o George, o Paulo, o "Broinha" e todos os outros da turma dos "marimbondos do amor". Lembrei-me da vida que levara até aí, das farras que juntos fizemos, dos bailes a que fomos juntos. Lembrava-me principalmente dos sábados e domingos. Sábado à noite havia sempre uma festa para irmos. Lembrei-me de um baile que fomos em uma casa de família no dia de São João. Enfim, lembrei-me de todo o meu passado. Iria seguir para uma terra desconhecida, onde se falava uma língua diferente da nossa e os costumes seriam completamente diferentes. Adeus, minha Praça Sães Peña, adeus!

Enfim, embarcamos no trem. As janelas foram todas arriadas e as luzes apagadas. Naquela penumbra que se formou, mais recordações surgiram no meu cérebro. O trem lentamente se deslocou. Os soldados, curiosos, mais uma vez queriam ver aquele Rio de Janeiro que deixávamos para trás, e olharam discretamente pelas janelas.

Depois de alguns minutos de viagem, entramos finalmente no cais. Lá estava a nossa espera o navio que iria nos conduzir aos campos da Europa. E ao vê-lo tão imponente, a nossa espera, meu coração transbordou de alegria. Iria finalmente realizar o meu grande sonho. Companhia por companhia, penetramos no grande monstro.



Etiqueta de embarque

Rio de Janeiro, 1º de julho de 1944

Coube a mim um camarote do qual fazem parte mais 11 camaradas, todos tenentes, como eu: o tenente Nilo, da minha Companhia, um velho que é soldado de verdade, um amigo do qual pode-se dispor a qualquer momento; o tenente Copérnico, um nosso companheiro

também de minha Companhia; o tenente Salies, um companheiro para tudo, da turma que saiu da escola antes da minha; o tenente Pérsia, também da turma anterior; o tenente Junqueira, da minha turma e que foi meu companheiro de quarto na escola; o tenente Pinheiro, também da minha turma; o tenente Prado, um dos dentistas do nosso Regimento, sempre contando seus casos de amor; o tenente Camarra, o outro dentista do Regimento, ficou enjoado e só ficava deitado na cama pedindo para todos nós maçãzinha; o tenente Bicalho, o médico do Regimento, foi promovido a 1º tenente e no dia seguinte já estava usando as estrelas, ficou sendo para todos nós o "major" Bicalho; o tenente Mário, da reserva de 2ª classe; o aspirante Mesquita, da reserva, como contador de lorotas não havia outro, metido a saber inglês (do qual nenhum de nós entendia nada).

Com outros oficiais

Para nos fazer levantar pela manhã, tocam na corneta umas notas à americana e, depois, uma voz diz: "Alvorada, alvorada! Os praças devem se preparar para o pequeno almoço!"

Ficamos o dia no pátio. É sábado. Eu me lembrei da nossa pracinha, que naquela hora devia estar regorgitando de meninas bonitas. O cinema lá estava à minha espera.

Oceano Atlânico, 2 de julho de 1944

Desde o primeiro dia eu comecei a dar serviço no compartimento onde estava minha companhia. Este serviço me trazia uma vantagem: eu fazia três refeições, enquanto que os outros só comiam duas vezes por dia. O serviço, porém, era noutro dia, pois passávamos grande parte da noite acordados num compartimento todo escuro. Ainda por cima tínhamos que agüentar um calor insuportável.

Manual distribuido no navio

Corpo Expedicionário Brasileiro

DOMINANDO O OCEANO
ou
COMO VIVER NO MAR...

JUNHO - 1944

Contribuição da
Infantaria Divisionária
Expedicionária

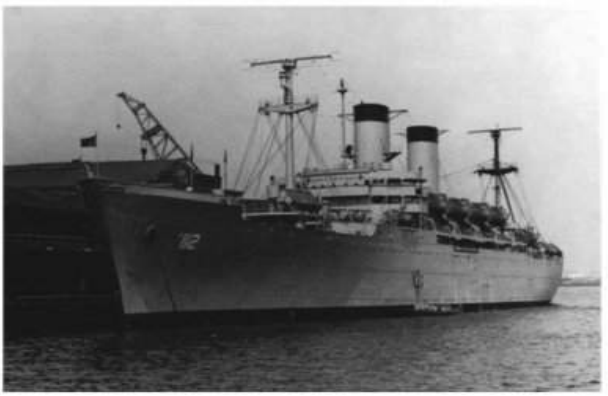
Ao acordar, domingo, soube que o navio já tinha desatracado no porto. Eram 9h. Levanteime rapidamente e subi ao tombadilho. Já estava longe o Pão de Açúcar. Meu Brasil, meu querido Brasil, representado na cidade do Rio de Janeiro, ia ficando pra traz. Talvez se eu tivesse acordado um pouco mais cedo eu visse o Cristo Redentor, no alto do Corcovado, nos abraçando e desejando para todos nós uma feliz viagem. Pensei nesse momento: Será que eu voltarei a ver este Pão de Açúcar amado? Não sei. Talvez.

Oceano Atlântico, 1ª quinzena de julho de 1944

A passagem do Equador é um dos episódios do qual jamais me esquecerei. O comandante do *ship* ofereceu um prêmio de 200 dólares para quem primeiro avistasse a Linha do Equador. Às 15h atravessamos a tradicional linha imaginária. Houve a comemoração desse grande acontecimento. Tivemos a visita do rei Netuno, o soberano dos mares. Depois de benzer a todos nós e nos desejar boa viagem, ele permitiu que atravessássemos a linha. Todos os oficiais receberam um diploma alusivo ao fato.

Mediterrâneo, 1ª quinzena de julho de 1944

Depois de vários dias de viagem, vimos, enfim, terra ao longe. Era esta solo africano. Depois surgiu a grande Fortaleza de Gibraltar. Um espetáculo impressionante ver surgir ao longe aquele rochedo que há tan-



Navio General Mann

tos séculos defende a entrada do Mediterrâneo. Atrás da grande fortaleza, via-se o Morro dos Macacos. Há uma lenda que diz que, enquanto houver macacos no morro, a fortaleza resistirá.

Penetramos enfim no Mediterrâneo. O grande mar é um gigante inofensivo. Suas águas verdes e paradas dão-nos a impressão de um grande lago. Ainda não sabíamos qual seria o nosso destino, se Nápoles, Oran ou Argel. No dia seguinte, vimos passar Oran e, mais tarde, Argel, duas grande cidades do continente africano.

Nápoles, 16 de julho de 1944

Enfim, Nápoles! Numa manhã radiante de sol, vimos surgir os primeiros montes italianos ao longe. Aos poucos, fomos nos aproximando da terra. Ao penetrarmos na baía de Nápoles, a primeira coisa que vimos foi o grande Vesúvio. O gigante dormia. De sua cratera saía um pequeno fio de fumo. Ele, que destruíra povoações inteiras, que matara tanta gente, parecia inofensivo. Depois

Desembarque em Nápoles

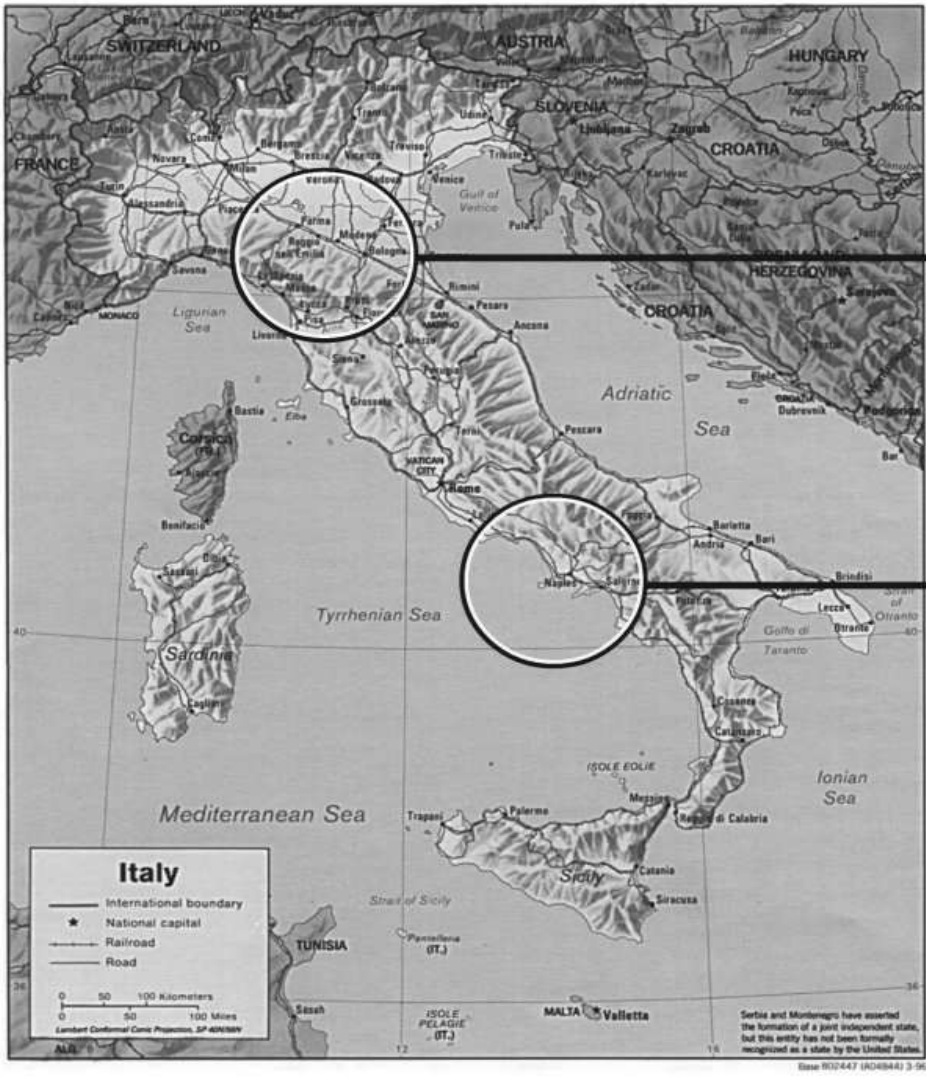
surgiu o cais. Por todo lado se notava os vestígios da guerra: o porto todo destruído, barcos afundados. Em cima de um navio destruído os americanos fizeram um cais. Milhares de navios coalhavam as águas da baía: barcos de todas as nacionalidades, transportes americanos, couraçados, cruzadores, lanchas de desembarque, navios hospitais, etc.. A defesa anti-aérea da cidade é feita pelas baterias anti-aéreas e por balões cativos. Cada navio tem preso um balão.

Desembarcamos. No porto nos esperava a delegação de oficiais brasileiros que estava na Itália. Fomos direto dali para o acampamento em Bagnuolo. De passagem, se notava nas casas do porto os sinas das bombas alemães.

O lugar aonde acampamos é muito longe da cidade Umas duas horas de caminhada, subindo e descendo os montes. É o lugar aonde o rei Victor Emanuel caçava nos áureos tempos. Dizem que é uma cratera de vulcão que há muitos séculos não tem erupções. O terreno mesmo parece provar isso, pois é uma poeira fina como talco. Ali, dizem os italianos, há muitos cadáveres enterrados.

Nápoles,
2ª quinzena de julho de 1944

A cidade de Nápoles é uma cidade muito antiga, com ruas estreitas e prédios de no máximo sete andares, muito velhos. As ruas são sujas e a população mesmo é suja e mau vestida. Tudo isso deve ser conseqüência da guerra.



Por todo lugar se nota os vestígios da guerra, com casas completamente destruídas por bombas. Pelas ruas, as crianças andam pedindo cigarros e liras. As mulheres se vendem com grande facilidade. As crianças andam nas ruas oferecendo *senhorinas* para os soldados. A moral do povo italiano está muito baixa. Os maridos nos levam às suas casas para possuir suas mulheres, os guris para possuir suas irmãs, com o consentimento dos pais. O que há muito aqui é vinho e putas. Os vinhos são muito bons.

Fui à Catedral de San Genaro, que é muito linda, toda de mármore, com muitas obras de arte, inclusive um busto esculpido por Michelangelo.

Em Pompéia há muitas obras de arte. As ruínas são uma maravilha. Fui aos lugares onde há quadros muito interessantes de várias posições de trepar. Lá há os célebres voadores que se acham desenhados por toda parte.

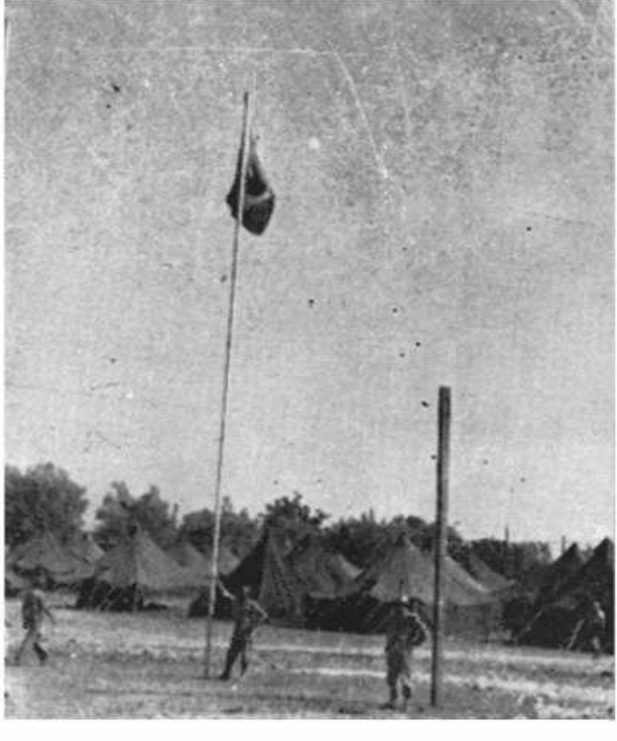
Tarquínia, 5 de agosto de 1944

A segunda parte de nosso acampamento é aqui na cidade de Tarquínia. Para aqui chegar fizemos uma viagem de 12 horas de trem e mais seis horas de caminhão. Estamos acampados num local bem próximo de Tarquínia. Um local quase plano e quase sem vegetação. Bem próximo vê-se um cemitério aonde há uma bandeira americana. Ali há 600 america-

nos e 300 alemães enterrados. Mais além e para o outro lado vê-se um campo de aviação aliado com mais de 600 aviões. Mais longe, vê-se o mar, o ponto de união do Brasil com a Europa.

Aqui na Itália não chove no Verão. Os italianos dizem que só choverá em outubro. Durante a viagem passamos por várias estações completamente destruídas pela aviação aliada. Os vagões todos quebrados e queimados. Passamos por várias pontes destruídas pelos alemães nas suas retiradas. Os túneis aqui na Itália são muito grandes. Nós levamos dentro de um 55 minutos e a velocidade do trem não era pequena.

Na viagem de caminhão, passamos por várias cidades bombardeadas. A que estava, porém, completamente em escombros, era a de Cisterna. Passamos também por Civitavecchia, mas nada vi porque estava dormindo.



Fui à cidade de Tarquínia hoje, sábado. Não está muito destruída, pois os alemães não resistiram muito. A cidade é muito antiga, foi fundada há uns cinco séculos. Os prédios são todos baixos. Em toda a cidade corre um

Acampamento da FEB na Itália

muro de dois metros de altura. Ela é localizada em cima de um monte. Nela não se encontra absolutamente nada para comer e para beber. Só há refresco e sorvete. Há muitos barbeiros e livrarias, nas quais só se encontra papel para carta. Há um museu, onde se vêem esculturas feitas em pedra, de vários séculos antes de Cristo. Há também aqui um monumento aos heróis italianos da cidade, que morreram pela pátria na Grande Guerra passada.

Todos nós sabemos agora porque viemos à Europa para lutar. Não foi para defender a liberdade e a democracia, não. Foi para evitar que esta guerra se transportasse para o nosso país, que nossas famílias passassem miséria e fome, que nossas mulheres e crianças fossem torturadas, que nossas irmãs fossem brutalmente defloradas por esses semi-bárbaros, que se diferem dos outros da antiguidade por usarem novas armas.

Quando, pela manhã, o nosso pavilhão é hasteado, eu tenho certeza que a essa hora nossas famílias estão dormindo a salvo de todos os perigos. Só voltaremos depois que exterminarmos completamente esses traiçoeiros assassinos.

Em Nápoles, onde estivemos, soubemos da boca da própria população das barbaridades que eles cometiam. Fuzilar os velhos, cortar os dedos das criancinhas e os seios das mães. Numa casa eles mataram os rapazes e levaram as duas moças, deixando dois velhinhos com o coração partido.

Tarquínia, 10 de agosto de 1944

Hoje, num exercício realizado, o meu pelotão foi elogiado pelo tenente-coronel subcomandante. Por falar em meu pelotão, ele é o 3º Pelotão da 5ª Companhia, um pelotão de moços jovens e alegres. Quase todos deixaram no Brasil pais e noivas. Alguns, esposa e filhos. Porém, todos eles sabem que têm que lutar para salvar os seus, para evitar que, no futuro, os seus filhos tenham que voltar à Europa. Não há nenhum soldado a destacar, pois todos eles têm valor e amor ao seu chefe, que sou eu.

Tarquínia, 11 de agosto de 1944

Hoje fizemos uma marcha de 20 quilômetros. No meio da marcha, fizemos um alto numa praia e todos tiveram permissão para tomar banho. Morreu afogado um soldado da 4ª Companhia. Um sargento e dois soldados ficaram feridos na explosão de uma mina deixada pelos alemães.

À tarde, houve uma formatura geral do regimento. Nem parece que estamos em guerra. É cobre pra cá, cobre pra lá. Depois, cobre mais outra vez. O general Mascarenhas é um fósforo apagado. O general Zenóbio só sabe gritar. Dizem que ele é corajoso. O nosso coronel, um palhaço, só faz é dizer que sim, seja qual for a ordem recebida. Enfim, um "cordeiri-

nho". O tenente-coronel Rangel, outro homem que só sabe transmitir ordem sem tomar nenhuma iniciativa. O tenente-coronel Freitas, outro homem inepto. Um oficial que corre atrás de um soldado não pode ser grande coisa. Só sabem é adular o general. O major do meu batalhão, Abílio, é outro homem em quem não se pode confiar, não tem iniciativa, só sabe fazer cumprir as ordens mais absurdas.

Enfim, estamos num regimento comandado por dois generais e três coronéis. Não é possível se produzir nada. Não tenho confiança nenhuma em todos eles. Na hora H, quem tem que resolver tudo são os capitães e os tenentes, que de um modo geral são todos bons. A tropa está conosco. O que quisermos, ela fará. Se obtivermos êxito, devemos somente a nós mesmos. Enfim, não sei em que dará isto tudo. Um corpo bom sem cabeça.

O general Clark passa em revista a tropa

Tarquínia, 13 de agosto de 1944

Domingo. Treinamos para a revista a ser passada pelo general Mark Clark, chefe de operações na frente da Itália. Passamos a manhã inteira no sol, cobrindo e repetindo mais

de dez vezes a canção "Deus salve a América". Nem os domingos mais são respeitados. Os nossos chefes mostram que não têm tato nenhum. O general Zenóbio, consultado, disse que em 20 dias estaríamos prontos para entrar em combate. Mas até agora não recebemos nenhum armamento. Um exército desarmado e mal preparado. O general em chefe contava para breve o término da guerra. Assim seja! Amanhã o general em chefe fará a revista. Vamos ver o que ele achará da nossa tropa.

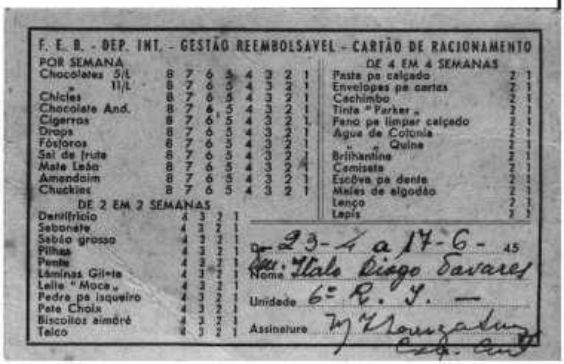
Roma, 15 de agosto de 1944

Fui hoje à cidade de Roma. Gasta-se duas horas e meia de viagem em caminhão. Fomos 26 oficiais do 6º RI. Durante a viagem, passamos por várias cidades semi-destruídas: Grosseto, Civitavecchia e outras. Civitavecchia está completamente destruída. Há apenas alguns prédios ainda de pé. A população toda abandonou a cidade. A estrada de ferro é um montão de destroços. Lá se vê vagões destruídos. As pontes foram todas dinamitadas. O que há de bom aqui na Itália são as estradas de rodagem. São largas e bem asfaltadas, sendo que elas correm ao longo de quase toda a Itália.

Chegamos a Roma e saltamos logo no Vaticano. É um território neutro, todo cercado de muros. Fica bem no centro de Roma. Entramos na Praça de São Pedro. É uma coisa imponente. Mais de cem colunas de cada lado. Há

na praça mais de duzentas estátuas. No centro há um chafariz. Pouco além vê-se a Catedral de São Pedro, a maior do mundo, cuja construção se iniciou no Século XV. A igreja é a mais comprida do mundo. Há marcado no chão, ao longo da mesma, o comprimento das mais importantes catedrais do mundo. A segunda em tamanho é uma catedral de Londres. Dos lados há os altares, cada um mais belo. As pinturas são todas de Michelangelo. O primeiro altar é da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Representa a escultura a Virgem Mãe tendo aos braços seu Santo Filho. É um quadro belíssimo. Vê-se até as lágrimas caindo dos olhos da Senhora. A obra é de Michelangelo. Nos outros altares há pinturas em mosaico que são uma preciosidade.

Cartão de mantimentos



F. E. B. - DEP. INT. - GESTÃO REEMBOLSAVEL - CARTÃO DE RACIONAMENTO

POR SEMANA

Chocolates 5/L	8	7	6	5	4	3	2	1
" 11/L	8	7	6	5	4	3	2	1
Chicles	8	7	6	5	4	3	2	1
Chocolate And.	8	7	6	5	4	3	2	1
Cigarros	8	7	6	5	4	3	2	1
Drops	8	7	6	5	4	3	2	1
Fósforos	8	7	6	5	4	3	2	1
Sal de fruta	8	7	6	5	4	3	2	1
Maté Leão	8	7	6	5	4	3	2	1
Amendoim	8	7	6	5	4	3	2	1
Chuckies	8	7	6	5	4	3	2	1

DE 2 EM 2 SEMANAS

Dentifrício	4	3	2	1
Sabonete	4	3	2	1
Sabão grosso	4	3	2	1
Pilhas	4	3	2	1
Pente	4	3	2	1
Lâminas Gillete	4	3	2	1
Leite "Moça"	4	3	2	1
Pedra pa isqueiro	4	3	2	1
Pete Choix	4	3	2	1
Biscoitos almôré	4	3	2	1
Telco	4	3	2	1

DE 4 EM 4 SEMANAS

Pasta pa calçado	2	1
Envelopes pa cartas	2	1
Cachimbo	2	1
Tinta "Parker"	2	1
Pano pa limpar calçado	2	1
Agua de Colonia	2	1
" " Quina	2	1
Brilhantina	2	1
Camiseta	2	1
Escôva pa dente	2	1
Meias de algodão	2	1
Lenço	2	1
Lapis	2	1

23-4 a 17-6-45

Nome: Italo Diogo Tavares

Unidade: 6ª R. I.

Assinatura: M. Mourzadu

DE 8 EM 8 SEMANAS

Calção de lã	Cerveja termica	Sapato de verniz
Camisa de lã	Cravouras	Tamancos
" V. O.	Gumes	Toalha de rosto
Canetas "Parker"	Isqueiro	Toalha de banho
Canivete	Lanterna eletrica	Toalha higienica
Carteiras	Lapiseira	Cuecas
Ceroulas de lã	Linha em tubos	Combat-boot
" " algodão	Linha em carretel	Sete Natal
Chinelos	Luvas c/ forro	Brochura form. almeço
Cedeado	Luvas s/ forro	Bloco tipo reporter
Caderno de notas	Luvas lã v. o.	Borracha
Cadernete de ordens	Mala tipo americano	Borzegoim
Cinto V. O.	Oculos	Caixa papel pa carta
" Gabardine	Meias de lã	Carteira para niquel
" Verniz cereja	Mosquiteiro	Compasso de metal
Escôva pa calçado	Papel de agulha	Fichas de gelatite
" " roupa	Pijama de tricoline	Sabonteira
" " cabelo	Pijama de flanela	Cigarreira
" " unha	Pincel para barba	Porta escôva
Estojo de toilette	Pilhas	Tezoura
Estojo c/ minas	Pulseira pa relogio	
Gelocha	Relogio	

07563

Cartão de mantimentos

Os monumentos aos papas falecidos são todos muito bonitos. Alguns têm de um lado uma moça com uma criança nos braços e rodeada de outras tantas. Representa a caridade. Do outro lado, outra com uma espada na mão, que representa a justiça. Um dos mausoléus é muito bonito, representa a morte saindo debaixo de um manto,

com uma ampulheta nas mãos. Representa o seguinte pensamento: "Já é tempo".

A cúpula da igreja tem mais de cem metros de altura e de lá de cima se vê toda a cidade de Roma. No centro, há o túmulo de São Pedro. Dizem que quando estas correntes foram colocadas uma junto da outra, se uniram. E realmente as duas correntes diferentes acham-se ligadas. Há também a espada que feriu Nosso Senhor Jesus Cristo, do lado.

Depois fomos ao monumento de Victor Emanuel, onde se encontra o "Túmulo do soldado desconhecido". Ali, na Praça Veneza, é que Mussolini fazia discursos aos fascistas. Fomos ao Coliseu, que é muito lindo, e ao Templo de Vesta.

A cidade nada sobre a guerra. No Coliseu era onde se realizavam os torneios antigos, as lutas de gladiadores e as lutas contra feras. E também as lutas mortais. Para isso enchiam o recinto com 50 centímetros de água. Esses torneios eram todos assistidos pela população e pelo imperador. Na parte de baixo ficavam as jaulas das feras. Em torno do estádio havia vários mastros. Havia uma turma de homens especializados para estender uma cobertura. No estádio há duas portas. Uma pela qual entravam os concorrentes e outra pela qual saíam, se mortos. Se ficassem com vida, mesmo que feridos,

regressavam pela porta de entrada. Se durante a disputa um dos concorrentes corria a se abrigar nessa primeira porta ele não era morto. A história diz que ali foram torturados os católicos, também trucidados. Porém não há prova disso, sendo de se supor que não seja verdade.

Muitos séculos depois, como havia muito roubo dos mármores de que era feito o estádio, o papa declarou o lugar santo e foi erguida uma cruz. Vários palácios de Roma foram construídos com os mármores tirados do Coliseu.

Há o Templo das Vestas, que deviam se conservar virgens e conservar o fogo sagrado. Se não cumprissem essas leis, eram condenadas a serem enterradas vivas. Uma delas se converteu ao catolicismo e foi sacrificada. Há os Arcos do Triunfo, pelo qual passaram os heróis depois de voltarem vitoriosos de suas campanhas. O Arco de Juno e o arco de todos esses anos, tem esculpidas as fases das grandes batalhas, pelas quais pode-se reconstituir toda uma batalha.

Na igreja de São Pedro *In Vinculis* há uma célebre obra de Michelangelo, o Moisés. Representa o momento em que Moisés, descendo do monte com as tábuas sagradas, encontra seu povo completamente pervertido, adorando animais e em completa embriaguez. Ao ver o estado de seu povo, Moisés quebrou as tábuas sagradas. É este momento que representa a estátua. Dizem que Michelangelo, ao terminar sua obra, ante a perfeição da mesma, disse: "Moisés, por que não falas?" Como a estátua não falou, ele deu-lhe uma martelada

no joelho. Essa martelada no joelho vê-se realmente. Este monumento foi protegido pelos italianos devido ao perigo dos ataques aéreos.

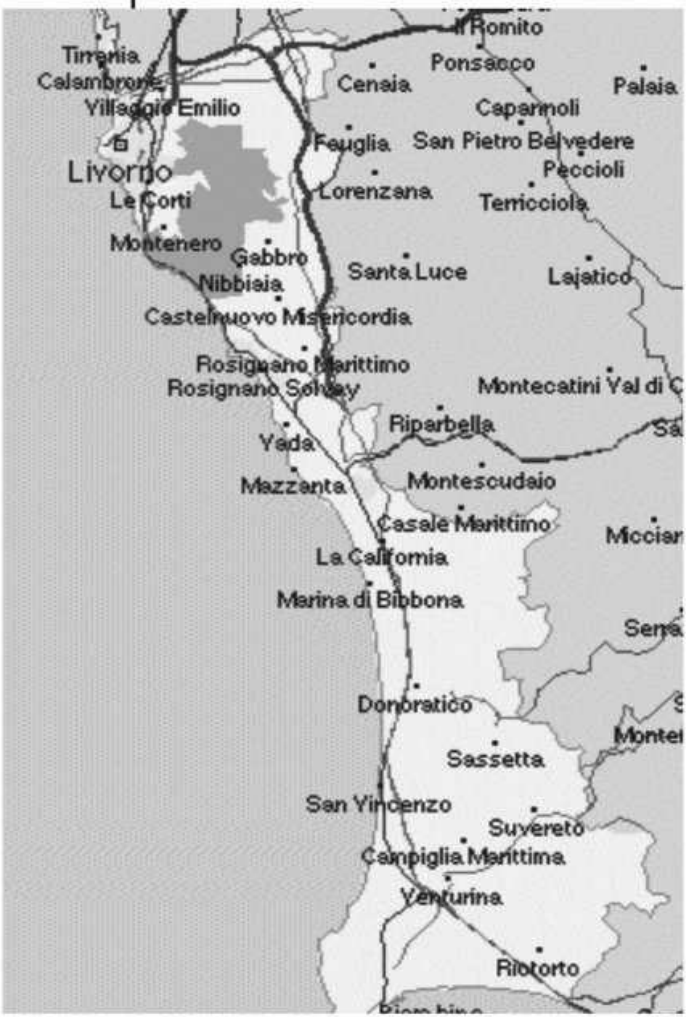
Tarquínia, 17 de agosto de 1944

Hoje fomos avisados que amanhã nos deslocaremos para um local a 30 quilômetros da linha de frente. Há 25 dias os alemães ainda lá se encontram. Deve haver por lá grande quantidade de minas, representando isso grande perigo para nós. Disseram-nos também que a estrada por onde vamos está minada, havendo somente o local para a passagem do caminhão. Já recebemos nosso material. Eu, uma carabina calibre 30, de 15 tiros, semi-automática. Os soldados foram armados com fuzil calibre 30 *Springheld*. Os pelotões de fuzileiros são dotados de fuzis metralhadoras *Browning* calibre 30. O Pelotão de Petrechos tem agora grande poder de fogo, pois tem três morteiros 60, duas metralhadoras ponto 30, outra ponto 50. Há ainda na companhia três bazucas.

Livorno, 19 de agosto de 1944

Ontem fizemos a viagem para a frente. A parte da manhã foi destinada aos preparativos de embarque. Desmanchamos as barracas, lim-

pamos o local do acampamento e nos preparamos para o embarque. Às 19h nós entramos nos nossos caminhões. Era um caminhão de oito rodas mais um reboque. Fomos no caminhão eu e mais 22 homens, cada um levando seu saco, sua mochila e mais o armamento. Os caminhões iam superlotados. Ainda por cima na hora do embarque caiu uma chuvarada que nos deixou completamente alagados. O nosso caminhão, por cúmulo do azar, não tinha a cobertura, tendo nós que enfrentar a tormenta.



Organizado o comboio, partimos com destino à linha de frente. Foram quase 200 quilômetros de viagem. Felizmente as estradas na Itália são muito boas, o que melhorou em grande parte a viagem. Saímos, como disse, às 19h e chegamos às 6h. Esta demora deveu-se ao desastre que houve no caminho. O caminhão que vinha um pouco a nossa frente era dirigido por um motorista que nunca tinha di-

rigido um caminhão. Além disso, dizem que ele bebeu um pouco. Pois bem, o tal caminhão vinha ziguezagueando na estrada, mostrando a todos a imperícia do motorista. Todos nós sentimos a aproximação de um desastre. O carro passava raspando as árvores.

Eram mais ou menos 23h. Eu, já cansado, cochilava, quando fui acordado pelo motorista, que me disse: "Tenente, um caminhão virou". O nosso carro se aproximou do local. Espetáculo horripilante. O caminhão havia saído da estrada e caído num barranco de uns cinco metros de profundidade. No cair, ele havia virado. Ao chegarmos vimos ele com as rodas para o ar. Gritarias, súplicas angustiosas. Saltamos todos e fomos levantar o caminhão, que imprensava alguns homens. Enfim, todos foram retirados e ali mesmo, na frente do meu caminhão, foram feitos os curativos de primeira urgência. Morreu no mesmo instante o motorista, ficando gravemente feridos vários homens. O tenente Pinheiro, meu colega de turma, feriu-se numa perna, porém o ferimento foi pequeno. Enfim, depois que os feridos foram conduzidos para o hospital, partimos.

Deste momento em diante não dormi mais, com a atenção voltada para a estrada. Tinha receio que o motorista cochilasse e fôssemos para fora da estrada. Além disso, o freio de pé do nosso carro não funcionava. Enfim chegamos ao local do nosso acampamento na província de Livorno, perto da cidade de Vada. Na viagem, passamos por várias cidades italianas. Grosseto é uma das mais importantes.

Pela manhã, nos esperava um acontecimento importante. Nossa companhia foi escalada para prestar uma guarda de honra. Da minha companhia foi um pelotão e eu, como oficial. Foi constituída uma companhia com homens de todo o regimento. Deslocamos-nos para um campo perto da cidade. Aí formamos em linha de pelotões. Estávamos a espera da visita do ministro *Churchill**. Ao meio-dia e poucos minutos chegou o grande homem. Acompanhava-o o general Clark, chefe do 5º Exército, ao qual pertencemos há algum tempo. Passou o ministro em revista as tropas. Tive-o a dois passos de mim, olhei-lhe nos olhos. Depois de falar às tropas que se achavam ali em forma, ele foi-se a passar em revista as outras tropas das outras frentes.

Livorno, 20 de agosto de 1944

Hoje, domingo, fui dar um passeio com alguns homens do meu pelotão. Saímos às 9h20 do acampamento. Fomos andando com o objetivo de chegar à praia. Demos uma grande volta, passamos por vários acampamentos, enfim chegamos à cidade de Vada. Na Praça de Garibaldi e na igreja de São Leopoldo estivemos. É uma igreja modesta, porém linda na sua simplicidade. Assisti a missa, a primeira que me foi dado ver rezada em italiano. O padre fez um sermão do qual não *capisco niente*.

**Winston Churchill, primeiro-ministro inglês*

Depois fomos para a praia. Tiramos a roupa ali mesmo e caímos n'água. Foi um banho delicioso. Depois andei de barco bem umas duas horas. Finalmente às 14h regressamos ao acampamento, depois de beber um pouco de vinho na cidade.

À tarde saí novamente com alguns homens. Fomos desta vez para outra direção completamente diferente. Depois de andarmos muito, de vermos um depósito de munição italiano, onde milhares de granadas se acham abandonadas, chegamos a uma casa, onde um casal de velhos nos ofereceu um bom vinho. Conversamos. Ele nos disse das maldades feitas pelos alemães e da miséria do povo italiano, coisas que há muito conhecemos. Disse-nos o velho, que aliás esteve na outra guerra, que esta terminará dentro de um mês. Acho, porém, muito otimismo dele. Mas acredito que no dia de Natal estarei no seio da minha família. O velhinho prometeu-nos todo o vinho que há em sua casa se a guerra terminar em um mês.

Livorno, 21 de agosto de 1944

Recebemos hoje um tenente americano, o tenente Taylor, que vai ser o orientador da nossa companhia. Ele verificou o preparo de nossa tropa, tanto técnico quanto físico. Creio que ficou satisfeito. Ele não fala nada do por-

tuguês, sendo difícil um entendimento mutuo. Depois, à tarde, fomos visitar o seu regimento, que estava de viagem para o front. O pessoal é muito alegre e brincalhão. O tal tenente vai ficar duas semanas conosco, finda a qual nós seremos transportados para a linha de frente.

À tarde saí de Jeep com o capitão e o tenente Cinézio. Dirigi o Jeep cerca de dez quilômetros. Fiquei muito contente, porque foi a primeira vez que dirigi um automóvel. Regressaram hoje de Gavita, onde tinham ido fazer um estágio, os tenentes Copérnico e Salies.

Livorno, 22 de agosto de 1944

Passamos o dia inteiro no campo tendo instrução. Dentro de três semanas estaremos na frente de combate e é preciso que não façamos feio junto aos americanos. À tarde fui passear de Jeep. Fui até a cidade de Acina, que fica próximo a Vada. Logo adiante vem Piombino, outra cidade pequena.

É bom lembrar que estamos acampados no meio de um parreiral. Nós comemos uvas

do dia à noite. Quando eu chegar no Rio ninguém acreditará que eu comia uva o dia todo. As uvas brancas, pretas e roxas. Há em quantidade. Moscatel também se encontra muito. Os pêssegos são outra fruta que há em grande quantidade.

Livorno, 23 de agosto de 1944

Passamos a parte da manhã dando a montagem e desmontagem das armas da companhia. A parte da tarde foi para limpeza do material e posições do atirador.

Livorno, 24 de agosto de 1944

Pela manhã tivemos tiro no estande improvisado. À tarde houve limpeza do armamento. Tenho me esquecido de falar alguma coisa sobre os aspirantes da reserva que vieram conosco. Poucos dias antes do nosso embarque e quando eu estava de oficial do dia, se apresentaram no nosso regimento os dois aspirantes que haviam sido transferidos do depósito da FEB. Os aspirantes em questão fizeram um curso de poucos meses no *NPOR** de Niterói. Nunca, durante o curso, foram ao campo. Resumindo: oficial da reserva de 2ª classe, além de da reserva do NPOR, além de

**Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva*

NPOR de Niterói. Sem instrução de campo. Isto quanto ao preparo profissional. Quanto ao espírito militar falarei adiante. Os ditos cujos reservistas pediram ao general Zenóbio para fazerem parte da FEB. Pois bem, um mês depois de terem saído do grande show foram para o depósito, onde "comandavam" companhia. Calcula só se isto é possível.

Pois bem, foram transferidos para o 6º e classificados um deles da 7ª Companhia e outro na COI. Já aqui na Itália o da COI foi transferido para a 4ª Companhia. São dois camaradas nojentos. Um deles é um mentiroso de marca, o outro de uma estupidez extrema. Este tal fugia com o pelotão para o mato para não dar instruções, pois para isso não tinha competência. Todos os outros oficiais (oficial é da ativa) estavam cansados de aturá-los. Atualmente um está no depósito e o outro continua no 7º dando dor de cabeça ao capitão. Um deles disse que veio com espírito aventureiro. Ambos disseram ao general Zé que viriam mesmo que fosse de graça. Acredite se quiser!

Enfim, eles da reserva vieram para o 6º e foram logo classificados nas companhias, en-

quanto que nós da ativa tivemos que fazer um estágio de dois meses. Infelizmente, por cima há muito estrume. Continua a ser considerado tal o capitão Treponema, um nojento, asqueroso. Porém tenho certeza de que na hora H... Aqui, quando quer dizer que a coisa está feia, diz-se que "a cobra vai fumar".

Ontem houve outro show. Nós andamos cerca de um quilômetro para cantar "Deus salve a América". Houve uma sessão de coices e berros. "Coronel Legadas rompa a marcha, um, dois, um, dois". Depois explico do que se trata.

Livorno, 25 de agosto de 1944

O general Clark passou em revista todas as tropas brasileiras no mesmo local da outra revista. A banda americana tocou os hinos nacionais americano e brasileiro. Nós cantamos o Hino Nacional e a canção Deus Salve a América.

Depois, desfilamos em continência ao comandante do 5º Exército. No discurso que o general fez, disse que nunca tinha visto tropa tão disciplinada. Que ainda haveria vitória para nós. Continuamos a ter todos esses dias instrução até as 24 horas.

Livorno, 27 de agosto de 1944

Domingo. Queriam que nós fôssemos à instrução. Finalmente, deixaram-nos passear a vontade. Já saí à tarde de caminhão com o tenente Nilo. Fomos até próximo a Livorno. Tomamos banho em Castiglion Celo numa boa praia. Na rua havia muitas moças bonitas, o que me lembrou a nossa Copacabana.

Instrução sobre minas

Aqui não é como em Nápoles, que se encontra a todo momento uma *senhorina*. Aqui as *senhorinas* são *senhorinas* na realidade, nada de fique-fique.

Livorno, 28 de agosto de 1944

Instrução de campo no âmbito do batalhão.

Livorno, 29 de agosto de 1944

Terça-feira. Tivemos pela manhã instrução no acampamento. À tarde tivemos uma instrução de minas. Vimos todos os tipos de minas alemães e italianas e os perigos que representam. Vimos as minas anti-tanque e contra pessoal. Vimos os dispositivos engenhosos para fazê-las explodir. Uma espoleta em cima, uma do lado e outra em baixo. Os americanos descobriram um aparelho para localizar as minas. Basta passá-lo sobre elas, para ele acusar por um som mais forte. Os alemães e italianos souberam disso e então inventaram minas de madeira. O italiano fez uma mina de madeira, porém botou tantos pregos e charneiras que o aparelho acusa-a como às outras. A mina alemã de madeira é muito boa.

Instrução com detetor de minas

Livorno, 30 de agosto de 1944

Instrução no campo: pela manhã ataque e à tarde maneabilidade.

Livorno, 1º de setembro de 1944

Fizemos instrução no campo o dia todo. Morreu afogado o soldado 3064, do meu pelotão. Saiu do serviço e, não tendo que ir à instrução, foi tomar banho no rio com outros companheiros. Era um ótimo soldado, digo mesmo que um dos melhores do pelotão. Deixa entre nós uma grande lacuna. Aqui ficam as minhas saudades e de meus soldados.

Livorno, 1º de setembro de 1944

Sábado. Pela manhã realizou-se o enterro do soldado Oliveira. À tarde houve instrução no campo. Aqui na Itália, não fosse a saudade que nos corta o coração, a vida seria boa. Aqui nós passamos muito bem. A comida é excelente. O rancho é muito farto. Temos nas refeições carne de galinha, *petit pois*, etc.. De vez em quando temos vinho às refeições. Temos também tomado cerveja. Temos quase todos os dias chocolates, dropes e chicles. Não nos falta cigarros, pois temos um maço por dia. Todos nós fumamos ótimos cigarros americanos: Camel, Chesterfield e Lucky Stricke. Só o que é um pouco cansativo é a instrução, que é da manhã à noite. Todos nós temos muita esperança de regressar ao Brasil. Todos os domingos há aqui missa para os expedicionários. Para isso, nos acompanham três capelães

brasileiros. Só o que sofremos é de saudades das nossas famílias.

Há alguns dias que foi transferido da nossa companhia o tenente Nilo. Foi classificado no Pelotão de Sepultamento.

Livorno, 7 de setembro de 1944

Hoje tivemos instrução o dia todo no campo.

Livorno, 8 de setembro de 1944

Houve aqui no acampamento uma procissão. Falou depois um dos capelães da FEB.

Livorno, 9 de setembro de 1944

O dia todo foi de descanso para nós. À noite tivemos uma instrução feita pelos americanos. Foi a primeira instrução aproveitável depois que estamos aqui. Vimos o tiro das armas americanas e das armas alemães e aprendemos a distingui-las. Vimos uma demonstração de ruídos a diferentes distâncias. À parte do esclarecimento, vimos as granadas ofensivas e defensivas americanas. Vimos as granadas de

morteiro 81 de fósforo, destinadas a desalojar o inimigo das suas posições, e as granadas iluminativas. As granadas de mão fumígenas também nos foram apresentadas. Aprendemos a nos orientar à noite pela Estrela Polar. Vimos a atuação de patrulhas à noite e o procedimento no caso de serem soltadas granadas iluminativas.

Livorno, 10 de setembro de 1944

Houve o início de uma instrução de 36 horas. Às 8h partimos. Fizemos 12 quilômetros. Às 11h fizemos alto e tivemos o almoço. Às 13h reiniciamos a marcha. Porém daí em diante começamos a subir e subir. Várias horas subindo. Às 17h30 chegamos ao nosso ponto de reunião. O jantar só chegou às 22h. Depois de comermos, fomos dormir.

Livorno, 11 de setembro de 1944

Às 4h foi a alvorada. Levantamos-nos, preparamos-nos e nos deslocamos para a base de partida. Iríamos realizar um ataque a um morro com 471 metros de altura. A base de partida era uma estrada. O deslocamento foi feito através de uma mata quase impenetrável. Durante cerca de duas horas andamos por den-

tro do mato atravessando espinhos e despenhadeiros. Comemos nas posições a comida em latinhas. Às 17h terminou o exercício e regressamos ao acampamento de caminhões.

Houve um acidente com a 6ª Companhia. Um soldado pisou em uma mina. Feriram-se 21 homens. O soldado que pisou na mina morreu instantaneamente. Feriu-se também o capitão Canguçu, comandante da companhia. Houve também um desastre com um Jeep da artilharia. Ele virou e deu várias cambalhotas. Saíram feridos um tenente, colega meu de turma, e mais quatro homens. No morro onde descansamos encontramos os cadáveres de dois alemães.

Livorno, 12 de setembro de 1944

Hoje à noite veio se despedir de nós o sargento Premo, do exército americano, que estava aqui conosco por ter que ir para a linha de frente. É um bom companheiro o sargento Premo. Muito alegre e brincalhão. Nós todos ficamos com saudades dele. Ele, ao partir, me presenteou com um charuto muito bom. De-

pois de amanhã seremos nós que iremos para a linha de frente.

Pisa, 13 de setembro de 1944

Hoje partimos de Vada para a linha de frente. Tomamos o caminhão logo de manhã cedinho. Cada homem levava o seu saco A e o seu saco B. As malas ficaram para trás e íam ser recolhidas à base de Livorno. No saco levamos o que íamos necessitar no front: uniformes de campanha, calçados, etc.. Fomos até as proximidades de Pisa. A viagem foi bastante rápida. Lá armamos barracas e ficamos aguardando ordens. Ficamos aí (Ospedaletto, 50 km de Pisa) mais um dia.

Pisa, 14 de setembro de 1944

Hoje fomos fazer o reconhecimento das posições onde iríamos substituir um regimento americano. Fomos de Jeep. Passamos pelo centro de Pisa. Nas proximidades do rio que corta a cidade as casas estão todas destruídas. Dizem que num bombardeio americano de 500 fortalezas voadoras, só em 5 minutos foram mortos 5.000 civis. Só o que escapou foi a célebre torre pendente que lá está de lado para quem a quiser ver. Aliás, passamos bem pró-

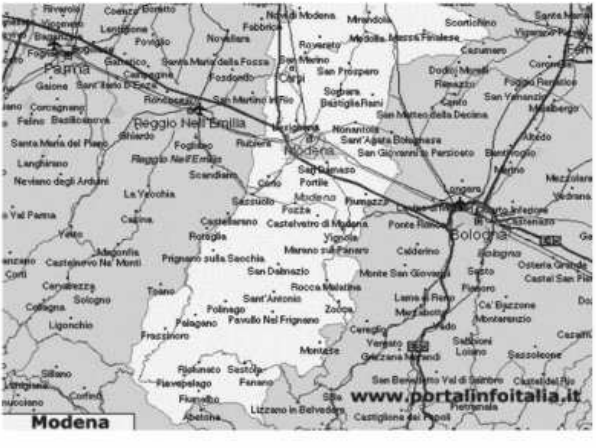
ximo a ela, podendo aprecia-la em toda sua beleza.

Vechiano, 15 de setembro de 1944

Partimos de caminhão até Vechiano, 8 quilômetros ao Norte de Pisa, onde ficamos um dia. À noite já tivemos que fazer uma segurança na margem esquerda do rio. Para isso foi escalado um grupo do meu pelotão.

Villa di Lippi, 16 setembro de 1944

Nosso primeiro objetivo foi San Macario, em Fiano. A informação era que só encontraríamos alemães uns 10 quilômetros adiante. Depois de andarmos vários quilômetros, chegamos ao objetivo às 18h mais ou menos. Durante toda a progressão éramos acompanhados pelos tanques americanos, um pelotão que fazia lances coordenados com



o nosso movimento. Depois de um pequeno repouso e de havermos jantado (a comida era trazida em um dos dois Jeep da companhia), entramos em posição. O meu pelotão ficou em Villa di Lippi, em segundo escalão. Cada homem fez sua cama e dormimos debaixo de algumas árvores que havia no terreno. Eu e o grupo de comando dormimos num celeiro que havia na casa.

São Macário, 17 de setembro de 1944

Pelas 14h nos deslocamos até San Macario, um monte. Sofremos muito, pois andamos vários quilômetros e o terreno era todo montanhoso. Passamos por algumas casas destruídas. Depois de jantarmos, os pelotões entraram em posições. Antes, porém, o capitão e os oficiais fizeram o reconhecimento. Este reconhecimento atrasou um pouco e quando entramos em posição já era um pouco tarde.

Um pelotão ficou em Colle di Anticiana e outro em C. del Colle. Nós ficamos um pouco à frente, em Colle di Spicciano. Só chegamos lá quando já era noite escura. Ainda não havíamos encontrado o inimigo e foi com muita precaução que atingimos o objetivo. Os grupos foram colocados em posição aos lados da casa. O grupo de comando se alojou para dormir dentro do celeiro. À noite saiu uma patrulha até Castagnoni, porém não encontrou o inimigo. Ninguém dormiu à noite.

Villa Del Colle, 18 de setembro de 1944

Organizamos nossa posição e preparamos-nos para ficar ali. Fui com uns homens até umas casas, que ficavam a uns 800 metros para baixo de nossa posição. Comemos algumas maçãs e ouvimos algumas histórias das barbaridades praticadas pelos tedescos. A tarde toda nossa artilharia atirou. Os tiros eram de tempo e, como não estavam bem regulados, explodiam no ar. Depois soubemos que uma granada havia matado uma senhora e uma criança.

Mais tarde tivemos ordem de nos prepararmos para deslocar. O nosso objetivo era Casciana e Monsagerati. A informação que tínhamos era que havia 300 alemães em Monsagerati. Havíamos visto de fato vários vultos com o binóculo, porém não foi possível distinguir se eram alemães ou civis.

O nosso deslocamento começou às 20h. O major comandante do batalhão queria que o deslocamento começasse às 18h. Porém a ordem só foi mandada às 17h30. Como queria ele que, em meia hora, os soldados jantassem, preparassem suas mochilas, deslocassem para o *PC** do capitão e recebessem a munição?

Saímos às 20h, assim mesmo apressando muito os preparativos. Quando nos deslocamos já estava tudo escuro. Nos deslocamos pela estrada em coluna por dois: uma coluna de cada lado da estrada. Passamos por Castagnoni e depois nos deslocamos por dentro do mato. Um terreno todo montanhoso. Só havia

*Posto de Comando

um estreito caminho, o resto era precipício. A noite era tão escura que os homens deslocavam-se colocando a mão no ombro do companheiro da frente. Assim mesmo ainda tivemos que interromper a marcha várias vezes, pois os soldados do morteiro, que conduziam a peça e que não podiam acompanhar a nossa velocidade de marcha, haviam se perdido.

Passamos por uma ponte destruída. Não se sabia se havia ou não minas e era preciso caminhar com muita precaução. A ligação entre o comando da companhia e os batalhões era feita por intermédio de pequenos rádios portáteis com alcance de no máximo dois quilômetros. De vez em quando ouvíamos as rajadas das metralhadoras alemães à nossa direita e à nossa esquerda. Deslocamo-nos assim esperando a qualquer momento encontrar o inimigo.

Quando estávamos chegando novamente à estrada, ouvimos um grande tiroteio à nossa esquerda, onde estava se deslocando a 6ª Companhia. Apressamos a nossa marcha, pois talvez tivéssemos que socorrer a outra companhia.

Chegamos assim em Villa del Colle de Loria. Todos nós estávamos esgotados. Já eram 2h. Eu não conseguia conservar os olhos abertos de tanto sono. Se o alemão chegasse naquele momento eu acho que pediria a ele uma boa cama. Em Colle de Loria paramos. Ali mesmo dormimos, pois era impossível continuar a

avançar. À frente e à retaguarda foi feita a segurança. Apesar do perigo, dormimos o resto da noite, pois estávamos esgotados.

Monsagerati, 19 de setembro de 1944

De manhã, às 7h, continuamos nossa progressão até o objetivo da companhia. Logo de manhã, ouvimos rajadas de metralhadora a nossa retaguarda. No escuro, tínhamos transposto uma linha fraca de resistência alemã.

Logo que começamos o deslocamento, isto no dia anterior, ouvimos batidas de sinos para os lados de Monsagerati. Parecia um sinal dos alemães. O capitão americano, quando soube que íamos nos deslocar, disse que era suicídio.

Passamos a noite entre Monsagerati e Casciana, junto a uma casa. Choveu a noite toda. Veio até nós uma patrulha alemã, mas foi surpreendida pelo nosso fogo.

Monsagerati, 20 de setembro de 1944

De manhã estávamos todos molhados. Continuou a chover o dia todo. Estamos num

lugar a 300 metros de altura. A estrada só vai até Colle de Loria. Temos que mandar os homens lá embaixo para buscar alimentação.

À tarde nos deslocamos para Anticiana, onde o nosso pelotão ficou. Chegamos à noite e, como na noite anterior, ninguém dormiu. Tínhamos só dois grupos, pois o terceiro tinha ficado abaixo com outra missão. A seção de metralhadora que ia ficar à nossa disposição não veio por estar muito escuro e ela tinha receio de se perder. Ao chegarmos a artilharia estava fazendo tiro, caindo o mesmo a poucos metros a frente das nossas posições. Passamos uma noite bem desagradável.

Anticiana, 21 de setembro de 1944

Chegou a seção de metralhadora. Passamos o dia todo e a noite na mesma posição. O pessoal passa o tempo jogando baralho. Saiu uma patrulha do 1º Pelotão e foi até a aldeia de Fiano. Lá foi recebida por fogos de metralhadoras alemães, cerca de seis. Tinham ainda tiros de morteiro ajustados para os pontos de passagem obrigatória. As metralhadoras impediam que eles regressassem. Só voltaram dois, que estavam fora do alcance da metralha. Depois regressaram mais alguns, ficando lá numa casa um soldado com a perna quebrada e outro ferido também. A artilharia foi avi-

sada e bateu durante todo o dia as posições alemães. À noite foi mandada uma patrulha para buscar os homens. Esta patrulha foi hostilizada por tiros de morteiros alemães. Os dois homens foram encontrados e voltaram.

Saiu uma patrulha do meu pelotão. Eu e mais 12 homens, aproveitando o terreno, fomos até próximo do Monteacuto. Lá fizemos alto. Vimos a uns 1000 metros de distância os alemães trabalhando transportando água. Como nossa missão não era atirar, voltamos.

Anticiana, 22 de setembro de 1944

Hoje vamos permanecer nas nossas posições e amanhã nos deslocaremos para Fiano. A 4ª Companhia vai para Monteacuto. Ontem à noite recebemos uma informação que os *PAs** alemães iam se retirar, porém acho que isso não se realizou, pois não vimos o sinal que seria dado quando isso se verificasse.

**Pelotões de Artilharia*

Anticiana, 24 de setembro de 1944

Aqui nem parece que é domingo. Aqui se perde completamente a noção de tempo. Os dias nós passamos bem, mas à noite quase ninguém dorme, com receio de ser surpreendido por patrulhas alemães. Esta noite houve um sério bombardeio alemão sobre as nossas posições. Lançaram sobre nós várias dezenas de granadas, tanto de morteiros quanto de canhão 88 (chamado pelos americanos eight eight). Uma granada que não faz nenhum ruído. Só se sente a granada quando ela explode. Em represália, hoje pela manhã houve um sério bombardeio da nossa artilharia.

Vamos realizar hoje um avanço em toda a frente. A 4ª Companhia vai tomar o Monteacuto e nós a cidade de Fiano. As metralhadoras alemães são um terror. Nós já apelidamos as mesmas de máquinas de costura, pois as suas rajadas são no mínimo de cem tiros. A moral dos nossos soldados é muito boa. Todos só pensam no dia do nosso regresso ao Brasil. Eles não toleram é o nosso comando, na figura do general Zenóbio.

Anticiana, 25 de setembro de 1944

Continuamos nas nossas posições. A 4ª e a 3ª companhias continuam a atacar o inimigo em Monteacuto e Monte Volturino.

Bozzano, 26 de setembro de 1944

Nos deslocamos para o PC da companhia e depois para Bozzano, onde ficamos protegendo o flanco da companhia. Os outros pelotões estavam um pouco a frente. No seu avanço não tinham sido hostilizados por nenhuma resistência. A 3ª e a 4ª continuam a combater o alemão. Têm a sua frente posições de metralhadoras e morteiros. A nossa companhia tem por missão atacar Fiano, porém este ataque só pode ser realizado depois que Monteacuto for conquistado, pois este monte domina completamente a cidade.

Hoje à tarde foi-nos comunicado que não mais atacaríamos Fiano. Esse ataque será realizado pela 6ª Companhia.

Monteacuto, 27 de setembro de 1944

Recebemos ordem de ocupar Monteacuto, já conquistado pela 4ª Companhia. Nos deslocamos depois do café para aquele ponto. Como sempre penando, pois subimos e descemos vários morros. Atingimos nosso objetivo às 11h. Lá nos esperava o capitão Mendonça. Substituímos a 4ª, que se retirou para outro local. O capitão me disse que, no seu recuo, os alemães abandonaram seus agasalhos, sua comida e sua munição. Cada homem tinha já

construído seu abrigo. Ali havia muitas granadas. Este morro favorece muito a defesa, pois domina todas as elevações próximas. A informação que recebemos é que o inimigo se retira para além dos Alpes de Pescalia.

Aqui na guerra não há a rigidez dos tempos de paz. Aqui nós tratamos os soldados como amigos e como compatriotas que sofrem como nós das agruras da guerra e das saudades da pátria distante. Aqui o soldado não toma a posição de sentido para falar com o oficial. Muitos dos que estão conosco têm suas mães e suas esposas na pátria distante. É preciso de vez em quando alegra-los e falar-lhes sobre o nosso regresso. Aqui eu permito que os meus soldados se divirtam jogando baralho. Eles não jogam a dinheiro, pois o mesmo aqui não vale nada. Jogam para se divertir e para passar o tempo. Eu e o grupo de comando, quando é possível, dormimos numa casa. Os grupos de combate, porém, chova ou faça sol, têm que permanecer nos seus abrigos frios e úmidos. Quando voltar daqui terei em cada soldado um amigo e não um subalterno. Era preciso que nós vivêssemos a guerra para vermos como os soldados são bons rapazes e humanos como nós.

Junto a um Jeep

Monteacuto, 28 de setembro de 1944

Ontem à noite o mensageiro que acompanhou o portador da comida trouxe-nos uma ordem para as 7h estarmos no PC da companhia, pois íamos nos deslocar. Pela manhã partimos para o PC, onde chegamos na hora prevista.

Fizemos nossa primeira refeição. Às 9h nos deslocamos com o objetivo de atingir Pescalia. Avançamos até Fiano, onde se encontrava a 6ª Companhia. Depois descemos com direção ao nosso objetivo. Passamos por Convalle e outras aldeias menores. Às 15h, mais ou menos, atingimos a cidade. Pelo caminho tivemos que atravessar três pontes destruídas pelos alemães. Ocupamos a cidade. O inimigo já se tinha retirado para longe. Meu pelotão foi todo alojado num prédio que era um antigo teatro. Dormi, junto com o tenente Copérnico, na casa de um amigo italiano que arranjamos, o Alfredo. Nossa missão era cobrir uma estrada que saía da cidade na direção do inimigo.

Pescalia, 29 de setembro de 1944

Passamos o dia ainda na mesma posição. Saiu uma patrulha do meu pelotão até Pascoso, que fica a uns 7 quilômetros a nossa frente. Para isso levamos um guia, um italiano que conhece bem todos os caminhos daqui. Saímos depois do almoço, mais ou menos ao meio-dia.

Deslocamo-nos pela estrada e chegamos à cidade às 14h. Lá nos esperava a população ansiosa. Nos receberam com flores e vinhos.

Encontramos lá com um italiano que tinha estado no Brasil. Apesar de fazer 31 anos que veio da nossa pátria, ainda fala bem a nossa língua. Chorou suas mágoas e contou-nos sua vida. Disse-nos ter dois filhos no Brasil, dos quais não tinha notícias há quatro anos. Visitamos depois a igreja do povoado e retornamos ao nosso local.

Pescalia, 30 de setembro de 1944

Mudamos-nos do local onde estávamos. Vamos para uma aldeia um pouco à direita. Ficaram dois grupos perto da igreja e um outro um pouco mais à frente, numa casa vermelha.

Pescalia, 1º de outubro de 1944

Ainda permanecemos no mesmo local. Estou dormindo numa boa cama de casal, com boas cobertas, na casa do padre. Hoje foi dia de festa aqui na nossa igreja. Houve duas missas: uma às 8h e outra às 10h. Fui à missa das 8h. Durante todo o dia a igreja foi visitada pelos habitantes das redondezas.

Pescalia, 2 de outubro de 1944

Fizemos uma patrulha a Fabbriche, uns 10 quilômetros além da nossa linha. Saímos às 11h e lá chegamos às 14h. A população nos recebeu festivamente. Ficou porém desconfiada quando soube que não iríamos permanecer lá. Ao chegarmos à cidade fomos surpreendidos com duas explosões dentro da mesma. Paramos todos. Um homem foi mandado para ver o que havia. Nada de novo. Os habitantes estavam fazendo explodir minas deixadas pelos alemães. Tomamos muito vinho e grapa. Regressamos às 16h e chegamos no acampamento às 19h.

Conheci, por intermédio do cabo enfermeiro Paulo, uma família italiana. Gostei muito de todos, pois são educados e corteses. São um casal de velhos e duas filhas muito bonitas. Todas as noites agora vou à casa deles comer castanhas.

Nosso pelotão fez dois prisioneiros alemães: um tenente e um sargento que tinham fugido do campo de concentração em Pisa e tentavam atravessar as nossas linhas.

Focchia, 3 de outubro de 1944

Recebemos ordem para nos deslocar para Focchia, onde devíamos chegar às 11h. Nossa

missão era cobrir o flanco do 3º Batalhão, que ia atacar à nossa direita. Nos deslocamos como sempre, subindo e descendo morros. Afinal, chegamos ao nosso objetivo, onde já nos esperavam alguns elementos do pelotão de reconhecimento que tinham a missão de estabelecer ligação conosco.

Nos organizamos no terreno. Um grupo ficou junto à igreja com a missão de bater a estrada que sobe vindo de Barbamento. Todos os homens foram alojados dentro de casas.

Em Focchia tivemos a oportunidade de ver a posição de uma bateria alemã. Todo o trabalho tinha sido realizado pelos italianos.

Esqueci-me de falar da linha gótica, a grande linha defensiva tedesca, a qual foi transposta por nós para chegarmos a Focchia. É uma linha que corre de Leste a Oeste, na qual os alemães pretendiam resistir. Porém não foi possível resistir, pois os ataques do 5º Exército à direita obrigaram os mesmos a abandona-la ante o perigo de envolvimento. Passamos em Focchia mais um dia. Depois recebemos ordem para nos prepararmos para deslocar para Fabbriche.

Fabbriche, 5 de outubro de 1944

Às 14h deslocamos-nos para Fabbriche, onde chegamos às 17h. Cada pelotão arranjou

acomodações para passar a noite. Meu pelotão ficou na escola. O grupo de comando e eu fomos para uma casa que havia um pouco acima da fonte. A dona da casa era uma senhora muito boa, chamada dona Zaira. Muito alegre e muito camarada. Tinha uma sobrinha muito bonita chamada Lina.

Às 19h chegou o capitão e deu ordem para que meu pelotão se deslocasse para Campolemisi. Porém, como já era tarde, ficou combinado que o deslocamento seria no dia seguinte, às 7 h.

Assim, fomos para casa. Dona Zaira fez para nós um pouco de castanhas. Jogamos bisca, eu, o sargento auxiliar, dona Zaira e a sobrinha, até as 23h. Depois fomos dormir. Ficou combinado que pela manhã, às 5h, quando nós levantássemos, elas viriam despedir-se de nós.

Campolemisi, 6 de outubro de 1944

Pela manhã, depois de nos despedirmos de todos, partimos em direção a Campolemisi. Como sempre, subimos e descemos vários montes. O tempo estava muito quente e era um sacrifício aquela marcha. Tínhamos que parar a todo momento para descansar. Enfim, depois de várias horas de marcha, chegamos a Galliano, que fica no pé do morro. Para chegar a Campolemisi é preciso subir ainda 600 metros.

Descansamos alguns metros antes de realizarmos a etapa final. Além do calor e das condições do terreno, ainda tinha para nos cansar mais uma mochila pesando muitos quilos, pois o infante tem que levar consigo todas as suas fardas e cobertores.

Chegamos a Campolemisi às 13h. A cidade estava deserta. Parecia completamente despovoada. Mais tarde que fomos conhecer as belezas locais. É que todos, ou melhor, quase todos os habitantes estavam no campo colhendo castanhas.

Como havia duas estradas que vinham da direção do inimigo, ficou um grupo em cada uma encarregado da defesa. Ficou um grupo em umas casinhas que ficavam a beira da estrada. Os outros dois grupos ficaram na escola e numa casa que fica junto da igreja. Fiquei numa casa que fica um pouco abaixo da igreja.

Postal de Campolemissi

A dona da casa é uma senhora muito boa, chamada dona Rose. Esteve vários anos nos Estados Unidos, do qual guarda gratas recordações. Tem um filho e duas filhas. O filho se chama Mário, e as filhas Maria e Ada. Tomei logo amizade por todos eles, pois me trataram como um filho da casa. Passei a dormir numa cama de casal no segundo andar. Pela manhã, o Paglioto e o Marcilio, depois de fazerem o café, me chamam.

Campolemisi, outubro de 1944

Todas as noites ficávamos até tarde na beira do fogo conversando. Às 22h, mais ou menos, começávamos a comer castanhas. Um dia era *monaline*, outro dia *balote*, outro *borgatelli*. Sempre variando. Não me lembro de ter jamais comido tantas castanhas. Quase todos os dias ia à casa da minha "franzita", a Ana, uma pequena de 17 anos muito bonita. Devia ter 1,50 m de altura, olhos grandes e pretos, cabelos pretos e ondulados. Sua voz parecia um gorgeio. De vez em quando ia com ela e a família colher castanhas. Porém passava a maior parte do tempo conversando do que propriamente trabalhando.

Quase todas as noites nós dançamos ao som de uma *fisarmonica**. Em Basso Matino há um tocador muito bom chamado Osvaldo. Sempre que nós queremos, ele vem tocar. Aqui há muitas meninas bonitas: a Iliana, a Luiza, a Irbatina, a Tereza, a Luizina e outras.

**Acordeom*

Campolemisi, outubro de 1944

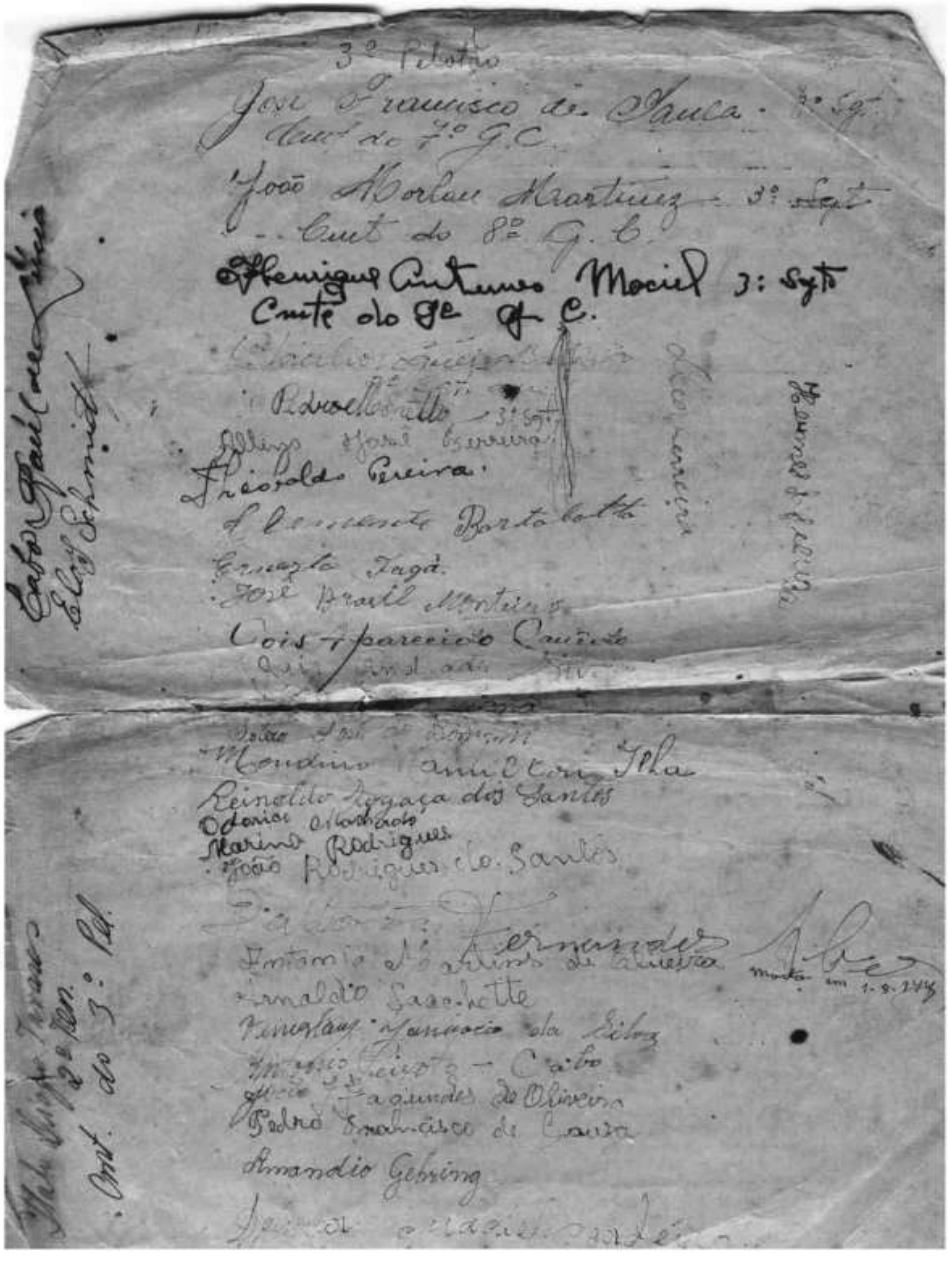
Hoje recebi uma notícia que me deixou muito triste. Havia sido transferido de pelotão. Passaria a comandar o Pelotão de Petrechos. Fiquei muito desconsolado porque este 3º Pelotão foi o primeiro pelotão que comandei. Tenho em cada soldado um amigo e creio que eles também me querem muito bem. Virá assumir o comando do pelotão o tenente Copérnico.

Fabbriche, outubro de 1944

Depois de passar o comando do pelotão e me despedir de todos, dirigi-me para Fabbriche, onde está o PC da companhia. Lá chegando, apresentei-me ao capitão e assumi o comando do pelotão. O Pelotão de Petrechos não é um mau pelotão. Nele também se encontram bons soldados.

Fui à casa de dona Zaira, onde passei a dormir. Ela ficou muito contente de me ver de volta. Deu-me logo um quarto para dormir. À

noite houve um baile numa casa de família para os oficiais e sargentos. Foi lá onde conheci a Adriana, uma garota muito bonita e que me agradou logo à primeira vista. Não esqueci, porém, a Ana, a qual sempre está em meu pensamento.



Assinaturas dos integrantes do 3º Pelotão

Todos os dias vou à casa da Adriana conversar e tomar um copo, ou melhor, vários copos de vinho. Vou sempre com o sargento Paula. A garota parece que gosta de mim. A Lina, sobrinha de dona Zaira, não está em casa, pois foi para Campolemisi colher castanhas.

Fui convidado para ir a Bomite pelo pai de Adriana. Bomite é a casa dos avós da menina que fica no alto do morro, a uns três quilômetros de distância. Disse ele que lá beberemos bom vinho e grapa. Às 8h saímos de casa eu, a Adriana, o pai, o sargento Paula e o Ditão.

Chegamos lá 45 minutos depois. Fomos muito bem recebidos. Tomamos várias espécies de vinho e acabamos com uma destilaria de grapa. A volta é que foi espeto, pois estávamos todos mais ou menos embriagados. Na ida tínhamos achado o terreno muito ruim e muitas poças d'água. Na volta, porém, parecia-nos que tudo era plano e que não havia nenhuma poça d'água.

Ficou combinado que iríamos um outro dia por lá, porém não foi possível, porque alguns dias depois recebemos ordem de deslocamento.

Campolemisi, 30 de outubro de 1944

Fui fazer um passeio a Campolemisi, onde fiquei todo o dia com a minha Ana. À noite houve um baile. Era minha intenção voltar à tarde, porém, como estava chovendo muito, resolvi

ficar e só voltar na manhã seguinte. Valeu a pena, pois o baile estava formidável. Dancei toda a noite com minha garota. No dia seguinte, pela manhã cedo, parti de volta a Fabbriche.

Fabbriche, 1º de novembro de 1944

Hoje recebemos ordem de prepararmos-nos, pois seríamos substituídos pelos americanos pretos. Creio que iremos repousar um pouco, pois o general disse que após dois meses de combate teríamos um mês de férias.

Fabbriche, 2 de novembro de 1944

Hoje vamos ser substituídos pelos americanos. A substituição começará às 19h e deverá estar terminada às 2h.

Fomos substituídos pelos americanos, porém permaneceremos ainda esta noite aqui em Fabbriche e nos deslocaremos amanhã de manhã.

Porreta Terme, 3 de novembro de 1944

Após tomarmos café, às 5h, nos deslocamos a pé até próximo a Galliano. Cerca de dez

quilômetros de caminhada. Depois tomamos os caminhões e nos deslocamos. Ainda tínhamos esperanças de que fôssemos para o repouso. Passamos por Lucca e tomamos a estrada para Florença. Todos pensavam que fôssemos descansar alguns dia em Florença, porém tomamos depois a estrada para Pistoia e Bologna. É uma estrada muito boa que atravessa os Apeninos. Paramos num povoado a dois quilômetros de Porreta Terme. Passamos a noite naquele lugar. Dormimos dentro de casa.

Torre de Nerone, 4 de novembro de 1944

Pela manhã o capitão fez o reconhecimento da posição para onde iríamos, que era, como ele disse, em Torre de Nerone e Castelario. À tarde, após a refeição, nos deslocamos em caminhões até próximo à Casa de Cristo. Depois continuamos a pé.

Em Marano, quando nos deslocávamos, caiu uma granada alemã sobre a nossa coluna, matando um dos nossos soldados, Claudino Pinheiro, e ferindo mais dois.

Continuamos nossa progressão até Riola. Daí tomamos a estrada que leva à Torre de Nerone. Durante toda a progressão sofremos um bombardeio terrível. Não sabíamos ao certo se era da nossa artilharia ou da alemã algumas granadas que caíam.

É terrível caminhar à noite por um lugar onde nunca pisamos e sofrendo tiros de artilharia e morteiro. Ainda para cúmulo do azar, o terreno estava todo enlameado, pois havia chovido bastante na véspera.

Enfim, depois de enormes sacrifícios, chegamos ao nosso objetivo. A substituição foi feita sem incidentes. A informação que nos deram é que havia tedesco à frente, à direita e à esquerda. Estávamos assim como que uma ponta para dentro das linhas alemães. De dia não se podia fazer nenhum movimento, pois à direita e à esquerda havia observatórios alemães.

Torre de Nerone, novembro de 1944

Tivemos que enfrentar grandes bombardeios diários, pois a artilharia alemã estava em toda a sua pujança. Eram granadas de todos os calibres, que explodiam sobre nós lançando a morte para todo lado.

Ali próximo havia um lugar onde caíam tantas granadas que foi por nós apelidado de "pátio das granadas". Havia também a célebre "curva da morte", onde se passava com o coração aos saltos, pois a qualquer momento podia vir a morte na ogiva de uma granada de artilharia ou morteiro.

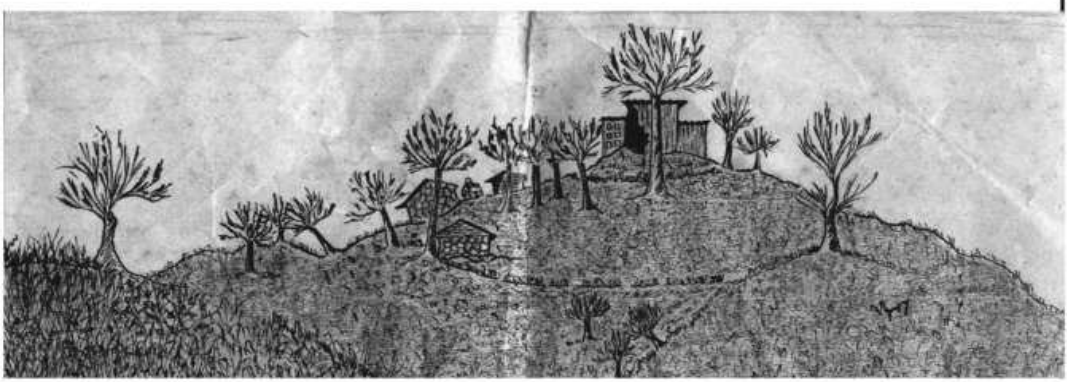
Tiveram a morte nas posições, dentro dos próprios buracos onde as traiçoeiras granadas os foram buscar, quatro de nossos melhores soldados.

Torre de Nerone, novembro de 1944

Nossa posição é a mais avançada de toda a frente italiana. É a Torre de Nerone. Talvez algum dia este nome venha a sair na história de nossos feitos na Itália. Viemos substituir um regimento americano. A história deste regimento é simples. Ele estava em elevações situadas ao Norte da estrada Pistoia-Bolonha. Esta estrada neste terreno é paralela à frente. Durante três dias os alemães não deram um tiro, o que levou o comandante americano a ordenar o avanço até as posições mais à frente, que são muito mais altas e dominam completamente a estrada acima citada.

O comandante do regimento ponderou, talvez prevendo o que iria acontecer. Nada adiantou e o ataque foi feito. Ao atingirem as

Desenho da Torre de Nerone



proximidades do objetivo, foram recebidos por tiros ajustados de metralhadores e morteiros. Apesar de toda a resistência, a torre foi tomada. A companhia que a atingiu ficou com seu efetivo reduzido a cerca de 40 homens. Depois disso a posição ainda sofreu cinco contra-ataques, repelidos com pesadas perdas de ambos os lados. A posição, porém, foi conservada.

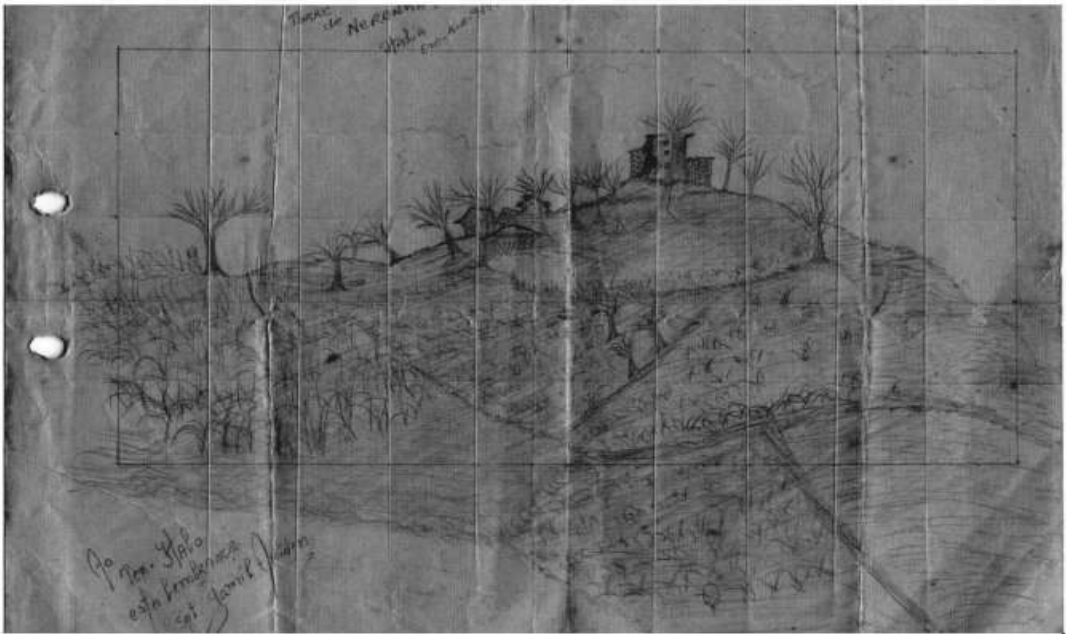
Quando chegamos ainda encontramos cadáveres de alemães. Alguns foram enterrados. Outros, porém, que estavam muito à frente das posições, ainda lá se encontram, pois é muito perigoso ir buscá-los.

Na torre, logo que aqui chegamos, caía uma média de 80 tiros de artilharia por dia, sem contar os que caíam nas suas vizinhanças, onde estava o resto da companhia. Destas granadas, grande parte era de canhão 88, o terror dos americanos. A velocidade do projétil é tão grande que o sibilo só chega depois que ele já explodiu. Falar perto de um americano em *eight eight* é tornar-se inimigo do mesmo para o resto da vida.

Os bombardeios diminuíram de intensidade, pois os alemães calculam que, devido ao tempo que estamos aqui, já devemos ter construído abrigos à prova das granadas 105 mm.

Torre de Nerone, 21 de novembro de 1944

Nesta posição ficamos até este dia, quando fomos substituídos pelo 3º Batalhão do 1º



Desenho da Torre de Nerone

Regimento de Infantaria. Na substituição houve um fato que convém relembrar. Alguns atiradores vieram com o FM e dois carregadores. Outros trouxeram somente o reparo, ficando a metralhadora para trás. Um sargento do 1º RI, para fazer a substituição, pôs o grupo em forma para apresentar ao tenente. Outro queria riscar um fósforo para ver se o buraco que lhe cabia era bom. Mostravam eles assim que eram verdadeiros recrutas na arte da guerra.

Borgo Capane, novembro de 1944

Fomos para Borgo Capane, onde ficamos cinco dias.

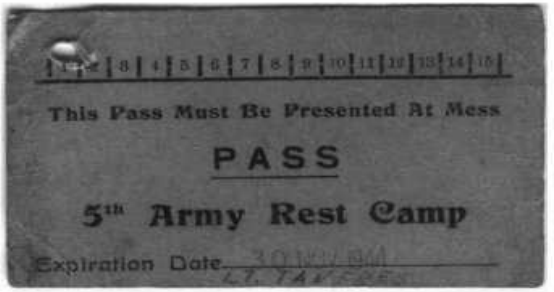
Florença, novembro de 1944

Durante este tempo, fui a Florença a passeio. Florença é uma cidade muito bela e muito romântica. Quase não foi destruída, pois os alemães resolveram poupá-la não resistindo muito tempo ali. As destruições se resumiram às pontes, das quais foi perdoada somente a Ponte Velha. O Palácio Velho e o Palácio Pitti são duas obras grandiosas. O interessante é que a cidade é atravessada por um rio, o Arno, o que dá motivo a que os poetas a utilizem em suas obras.

Em Florença fiquei no 5º Army Rest. Camp. É um hotel formidável. Uma comida muito boa, cinema todas as noites, bailes, *snooker* e toda espécie de diversões. Ali o soldado sente-se perfeitamente à vontade e esquece por alguns dias que está em guerra. O hotel brasileiro não fica nem à altura deste hotel americano. A maior parte dos que estão lá é fazendo tocha (são os tais que vivem em Florença). Os que vêm da linha de frente com uma dispensa não têm onde ficar.

Iella, 28 de novembro de 1944

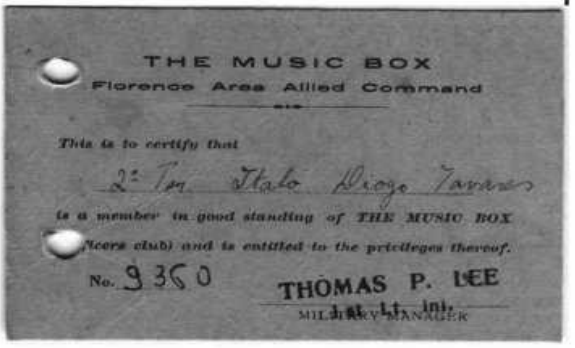
Quando regressamos de Florença, já a 4ª Companhia tinha sido mandada para Iella, onde estava na reserva da 4ª Corporação. Logo



Passe do hotel

após chegarmos a Borgo Capane, deslocamos-nos para lá, onde ficamos acomodados em duas casas. Ali próximo ficava a ponte de Iella, que era sempre bombardeada pelo alemães. Sobrava sempre alguma coisa para nós.

Na casa onde estávamos ficava o depósito de sacos de uma companhia do 3º Batalhão do 11º RI. Quando lá chegamos para ver os cômodos para nossas tropas, soubemos que havia dois oficiais que se encontravam lá. Fomos ver quem era. Um era o Sólon, todo enrolado em mantas e com um passa-montanha no rosto. Parecia uma coruja. Este Sólon é da minha turma da escola. O outro era um tenente que não conheço, o tenente Marud. Ele é mineiro. Um dizia ter arginite e o outro tremores de frio. Mais tarde soube que ambos tinham era *paura** aguda em último grau.



Bilhete do clube

O Sólon não me fez admirar, porque já na escola sofria do mesmo mal quando tinha que servir como condutor de muares. Não era capaz de conservar o seu muar atrás do outro, com medo do coice. Na manobra de Resende, quando progredíamos apoiados pela artilha-

**Medo, pavor*

ria, os colegas que pertenciam a seu grupo dizem que ele se deitou no leito da estrada de ferro com receio das granadas. Pois bem, quando fomos entrar em posição, depois da corrida do Laurindo (11º RI), caíram algumas granadas nas proximidades da ponte de Iella. Na volta, quando fui procura-los no quarto, não estavam, tinham esquecido doença e tudo e tinham se abrigado no subsolo de um outro prédio.

O Sólon, depois de andar no hospital, acabou indo para o depósito, de onde não mais saiu. Do outro não tive mais notícias. Dizem que nos hospitais há duas classes de doentes: os feridos e os com *paura*.

Agora vou contar a proeza do Laurindo, pois faço questão de não me esquecer mais dela. Uma manhã, estava ainda escuro. Tínhamos acordado mais cedo porque havia alguns homens que iam ser apresentados à 6ª Companhia para completá-la. Pois bem, estávamos pegando munição para esses homens, quando chega a Iella, de Jeep, um capitão que eu tinha conhecido na escola e procura pelo nosso capitão. Chega o nosso capitão e ele, afobado, diz: "Depressa, depressa! Caiu toda a frente! O nosso batalhão vem por aí pelas estradas. Não é mais possível resistir. Já combatemos toda a noite e nossa munição terminou".

Ficamos todos espantados. Seria verdade que toda a frente havia caído, que os alemães vinham em direção a Porreta Terme? Rapidamente, pusemos as metralhadoras batendo a ponte, ponto obrigatório de passagem. Outras armas foram colocadas em pontos estratégicos.

Pouco a pouco começaram a chegar os soldados. Uns traziam apenas o fuzil ou a metralhadora. A maioria tinha deixado toda a bagagem, mantas e mochila. A moral dos mesmos estava muito abatida. Não queriam mais nada.

Quando estava chegando o pessoal de cima do morro, estava ainda escuro, o capitão disse a um tenente que vinha com um grupo de homens: "Você organiza um pelotão com este pessoal que está chegando e nós iremos resistir". A resposta do tenente foi "não, não posso mais, três noites sem dormir comendo ração". Vejam só! E nós passamos vários meses comendo de latinha e passando as noites quase sem dormir.

Foram todos encaminhados para Porreta Terme. Durante todo o dia ainda continuaram a passar. A 6ª Companhia, reforçada com o pelotão da nossa companhia, entrou em posição numas alturas logo ao Norte do rio.

Depois foram mandadas patrulhas para verificar o que havia e nada encontraram. Os alemães não tinham estado ali. Mais tarde, depois que o 3º Batalhão (6º RI) entrou em posição nas primitivas posições, encontrou equipamentos e armamentos deixados pelos mesmos. Só foram encontrados cadáveres de brasileiros. Nenhum tedesco foi encontrado. Foi simplesmente "burro branco". Na afobação, os que estavam atrás atiraram nos da frente e assim gastaram toda a munição. Talvez tenha havido sim uma patrulha alemã. Porém, uma patrulha fazer correr um batalhão é muito forte.

Palazzo, 7 de dezembro de 1944

Após havermos jantado e feito a distribuição da munição para os homens, desloca-

mo-nos em direção ao front. A companhia ia com apenas 80 homens, com menos da metade do seu efetivo. Grande parte dos soldados tinha baixado, uns doentes, outros alegando doença. Cada pelotão tinha um efetivo de 20 homens.

Assim fomos. Tomamos os caminhões e nos deslocamos até Casa de Cristo. De lá para a frente fomos a pé, como da outra vez. Ao chegarmos a Palazzo, fizemos uma parada para pegar a bagagem que tinha vindo de Jeep. Ao atingirmos o PC do batalhão, um conjunto de casas semi-destruídas, começou a tragédia.

Primeiro caíram algumas granadas uns 100 metros além de onde estávamos. Ao ouvirmos um sibilo, todos nos deitamos no chão, pois não havia nenhum abrigo próximo. Depois veio outra rajada, que caiu uns dez metros acima de onde estávamos. Por felicidade num barranco, o que impedia que nos ferisse. O intervalo de tempo entre um tiro e outro era muito pequeno, impedindo assim que escapássemos daquele lugar. Mais uma granada veio. Esta, porém, caiu bem no meio de onde estávamos. Mal deu tempo para que nos deitássemos. Senti logo um bafo quente na face e meu capacete voou da cabeça. Começamos logo a ouvir gritos e vozes de feridos. Vi logo que tinha morrido alguém, pois a granada havia

caído a uns dois metros de onde estávamos e bem no meio do pessoal. Rapidamente fiz com que o pessoal se afastasse e eu mesmo, pegando um dos morteiros, me afastei, deixando que o capitão providenciasse a respeito dos feridos.

Ao chegarmos em nossa posição, passei uma revista e me faltavam três homens. Dois eu sabia que estavam feridos, pois ouvira os gritos dos mesmos: o cabo Canedo e o soldado Morais. O cabo Rossin, porém, não sabia onde estava e nenhum dos homens do pelotão sabia informar. Telefonei para o capitão e ele me disse que o cabo tinha morrido. Era um dos melhores homens do pelotão. Sempre sorrindo, cumpridor de todas as ordens recebidas. Estava também ferido, além dos dois homens do Petrecho, um homem da seção de comando. No dia seguinte, quando foram ao local da tragédia, encontraram um outro corpo. Estava completamente estraçalhado. Conseguiram identifica-lo: era o soldado Tansini.

Quando cheguei ao meu PC, que era numa casa, estava com o rosto e as mãos todos sujos de sangue. O capote também estava todo manchado. De certo este sangue era de um dos que havia morrido. A mim, graças à proteção de Deus, nada aconteceu, apesar da granada ter caído a poucos metros. O capacete até hoje não encontrei. Não sei se alguém apanhou ou outra coisa aconteceu.

Torre de Nerone, 15 de dezembro de 1944

Hoje completamos três meses de front. Infelizmente só nós é que contamos o tempo, porque só nós é que sofremos e morremos. O nosso alto comando não está satisfeito com as glórias que conquistamos. Querem que seus nomes sejam adorados no Brasil. Enfim, querem ganhar a guerra. Lançam-nos, doentes e esgotados, em ataques impossíveis. As suas promessas não são cumpridas. Esqueceram tudo. A promessa de repouso após dois meses de combate ainda não foi cumprida, apesar de já serem 90 dias de martírio. Nós não vivemos mais. Além da doença, que a muitos atacou, há ainda o abatimento moral. Somos como cordeiros indo para o matadouro. O 1º RI e o 11º RI chegaram, mas nada adiantou.

Os nossos generais, que comandavam um regimento, agora não se satisfazem mais com dois e querem uma divisão. Os nossos dois regimentos que chegaram não têm a nossa fibra e o nosso valor. Temos que substituí-los sempre, pois eles não agüentam a mão. Enquanto nós aqui fazemos o impossível, o Serviço Especial lá na retaguarda dá belos e constantes shows para os do QG recuando. Calcule só, ainda deve estar este QG a quantos quilômetros da linha de frente, numa boa cidade, sem ouvir o estrondo de granadas. Ainda não satisfeitos com isso, publicam em um jornalzinho, "Zé

Carioca", que chega aqui onde estamos com uma semana de atraso, esse grande feito do Serviço Especial. É como se quisessem rir de nossa situação.

Estamos na Itália há quase seis meses. Pois bem, até hoje não tivemos uma só sessão cinematográfica, uma só irradiação radiofônica. No Brasil, nossas famílias que se cansem de mandar mensagens, porque elas se perderão no éter. Depois de tudo isso, as glórias vão para "eles".

Torre de Nerone, 1º de janeiro de 1945

Marmita de campanha

Ano novo, novas esperanças. Já não desejo que acabe logo a guerra e que voltemos logo para junto de nossas famílias. Não peço tanto. Quero apenas o repouso tão falado e jamais alcançado. É como um passarinho que voa quando estamos crentes de tê-lo pego. O frio é terrível. Os maiorais lá de trás dizem para nós: "Não devem dizer que os soldados não agüentam o frio,

devem, sim, providenciar os meios de combatê-lo". São exatamente 105 dias de combates. Esta é a única vantagem de termos vindo na frente, de termos sido os primeiros a pisar solo italiano.

Campolemisi, 17 de janeiro de 1945

A grande tocha. Depois da primeira refeição do dia, que foi às 8h, partimos com destino a Campolemisi. Havíamos sido dispensados pelo capitão por oito dias. Íamos rever nossas namoradas. Depois de 45 dias nas posições, estávamos saturados daquilo tudo. O nosso espírito pedia paz e diversões. A paz, teríamos nos afastando o mais possível do front. A diversão, encontrando gente amiga que nos alegrasse.

Com o sargento Otacílio, o cabo Gabrielon, o Daniel e o Ditão, tocamos para longe da frente. Fomos até Ponte Venturina, onde seria mais fácil encontrar qualquer condução para Pistoia. De fato, isso se deu e tomamos logo um caminhão americano que ia com destino àquela cidade.

Lá fomos nós contentes. Às 11h45 chegamos a Pistoia. Tínhamos que pegar outro caminhão que fosse para Lucca. Antes, porém, resolvemos tomar um pouco de vinho. Há tan-

Mensagem de Natal

V EXÉRCITO
IV CORPO
1a. D.I.E.

1ª SAGA À
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Em 24 de Dezembro de 1944.

CAMARADAS DA 1a. D.I.E.

A data de hoje, de significação excepcional para a Cristendade, vem nos encontrar muito longe da Patria e da Familia, impossibilitados de participar da alegria tradicional dos nossos lares. Certamente isto nos toca profundamente, e ainda mais porque estamos no cumprimento de uma missão de guerra, para castigar povos que esqueceram as mais elementares virtudes cristãs, colocando-se contra os interesses sagrados das coletividades humanas. Nossa Patria, pregoeira dos principios de justiça, liberdade e de respeito pelos direitos alheios, foi tambem ferida e menospresada por esses inimigos do mundo cristão. Afundaram nossos navios, assassinaram nossos irmãos e ameaçaram a própria integridade do nosso Paiz e dos nossos lares.

Tivemos de abandonar a nossa tradicional quietude para vir ajudar os nossos aliados e subjugar o inimigo comum, em nome dos nossos sentimentos de honra.

Não podemos, assim, no dia de hoje, ouvir os Sinos das nossas igrejas nem partilhar da alegria festiva dos nossos lares. Teremos, entretanto, os nossos pensamentos voltados para a Patria distante e para os que nos são caros, na certeza de que todas as suas orações são para nós e pela felicidade da nossa missão.

Estamos certos de que, dentro em muito pouco tempo estaremos ao cabo desta grande tarefa que o Brasil nos confiou; e regressaremos felizes, com o orgulho do dever cumprido embora enevoado pela perda de tantos companheiros queridos, que deram gloriosamente a vida pela grandeza da Patria.

Vosso General Comandante, na data de hoje, que a todos nós enche de tão gratas recordações, envia-vos os seus votos de felicidades, extensivos as vossas familias, às quais deseja que coloquem sempre e cada vez mais alto os sentimentos de resignação e estoicismo que tão bem caracterizaram os nossos ancestrais, até o dia luminoso da Vitoria, que está muito próximo.

JOÃO BATISTA MASCARENHAS DE MORAIS
GENERAL DE DIVISÃO - CMT. DA 1a.D.I.E.

to tempo que não sentíamos o gosto do álcool. Entramos numa casa e bebemos uma *botiglia*. Depois comemos uma ração K. Antes de sair, compramos uma garrafa de conhaque e outra de "ifrega"*. O nome não é bem esse, mas nós assim o denominamos.

Fizemos uns 500 metros a pé. Conseguimos afinal pegar um caminhão de uns marroquinos que iam para Livorno. Continuamos a

**Provavelmente Strega*

beber e a andar. Quando descemos em Lucca estávamos todos num pau só. O Gabrielon não conseguia se manter de pé, sendo necessário conduzi-lo entre dois outros. E assim fomos pelo meio da cidade, sendo olhados por todos que passavam.

Soldado durante Inverno nos Apeninos

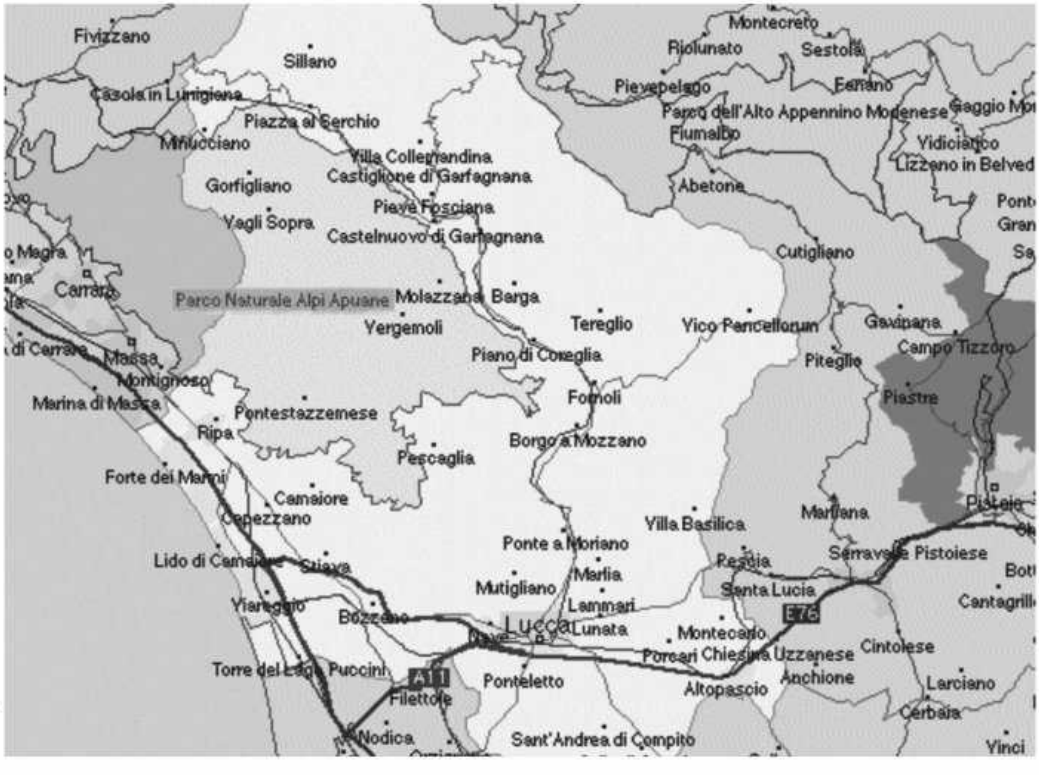
Resumindo: chegamos a Campolemisi depois de passarmos fome e frio, depois de andarmos vários quilômetros a pé. Enfim, sofremos muito. Poderíamos ter desistido no caminho, porém a têmpera do infante faz com que ele vá para a frente, atingindo o objetivo designado, mesmo enfrentando os maiores perigos e cruéis sofrimentos.

Havia alguma coisa que me fazia prosseguir, apesar do cansaço. Era ela, a Ana.

Devo, pois, explicar quem é Ana. É um botão de rosa. Tem 17 anos, cabelos pretos e ondulados, uma voz doce e melodiosa. Seu rosto é um rosto de boneca. Nariz pequeno e

levemente arrebitado, boca pequena, porém sensual. É, na opinião de todos, a garota mais bonita de Campolemisi.

Enfim, depois de enormes sacrifícios, lá chegamos. Que festa! Que alegria! Fiquei louco quando meus olhos pousaram de novo naquela figurinha de meus sonhos. Passei vários dias feliz e esquecido de tudo que se passava em roda. Dancei várias vezes. Dá prazer dançar naquela paz. O tocador da *fisarmônica* é o Osvaldo, de Basso Matana. Toca que é uma maravilha! No seu repertório há vários trechos de ópera. O tratamento a mim dispensado foi o melhor possível. Deram-me a melhor cama. Deram-me o melhor vinho. Faziam tudo para me agradar. Lá se vivia como em casa. Dona



Mapa de Lucca

Rose me tratava como a um filho. Todos os dias fazia questão de que eu comesse com ela. Mas a minha felicidade não podia ser eterna e acabou num instante.

Por um nada brigamos. Domingo, quando íamos dançar em Basso Matana, durante a viagem pra lá entramos em desacordo. No momento de raiva, rasguei-lhe a carta que me havia escrito e devolvi-lhe a fotografia.

Não me arrependo do que fiz. As italianas não são como as brasileiras. A noção de moral é muito mais rudimentar (no meu ver). Elas dizem que isso é civilização adiantada. Assim fui em busca da felicidade e voltei com o coração dilacerado.

Em todo caso a viagem não foi perdida. Encontrei pessoas amigas, que me fizeram lembrar minha pátria. Enfim, não se pode esperar coisa melhor de um povo diferente do nosso, tanto na língua quanto nos costumes.

Torre de Nerone, janeiro de 1945

Chamo de combatente aquele que vive na linha de frente, que dorme em *fox-hole*, que come comida de lata, que enfrenta a morte a todo momento, seja vinda de uma metralhadora tedesca, seja de uma granada de canhão. Aqueles que vivem na retaguarda, envergando belos uniformes, tomando banhos perfumados todos os dias, comendo fartos banquetes,

dormindo em confortáveis camas, tendo belas estufas para se aquecer, acompanhando a guerra em grandes mapas pregados na parede e pedindo todos os dias para que a guerra dure mais 30 anos, nós chamamos de saco B.

Vou explicar porque eles tomaram esse nome. Note quando chegamos à Itália. Tínhamos dois sacos: o saco A e o saco B. O saco A sempre nos acompanha, é onde colocamos nossos objetos de primeira necessidade. O saco B ficou para trás, na base de Livorno.

Aliás os saco B sabem que são inferiores a nós. Eles têm um grande complexo de inferioridade. Basta chamar um deles por este nome para que ele passe três noites sem dormir.

Vou agora contar o que me relatou o capitão quando fui a Florença. Lá, para lidar com o hotel dos brasileiros, há um major, dois capitães, três tenentes e perto de uma centena de praças. Cada um deles tem uma amante. Na hora da refeição, cada qual toma conta de uma das mesas com a respectiva. O pobre do soldado e mesmo do oficial que saiu da linha de frente para gozar de uns míseros quatro dias, depois de passar mais de dois meses na linha de frente, tem que se sujeitar com essas imundices.

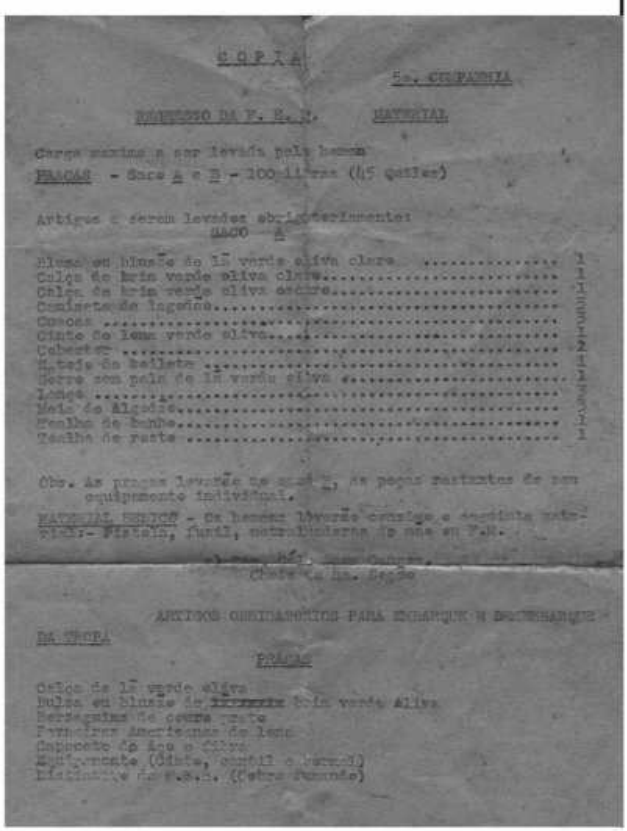
O único serviço que funciona lá para a retaguarda é o Banco do Brasil. Assim mesmo porque os seus funcionários são todos paisa-

nos. O correio todos já sabem como é. A correspondência chega com vários meses de atraso, assim mesmo quando chega. A correspondência de dezembro, por exemplo, só recebi em fevereiro, e todas as cartas de uma vez. As encomendas chegam às vezes, quando não têm valor.

O Serviço Especial existe só para constar e para permitir o encosto de alguns apadrinhados. Até hoje não deu um ar de sua graça. De vez em quando dá um show para o QG recuado, que está em Pistoia, a 40 quilômetros da linha de frente.

Os jornais, todos controlados pelos chefes, só dizem aquilo que eles querem. Trazem bonitas frases incentivando-nos ao cumprimento do dever. Eles, porém, lá atrás estão. São capazes, sim, de suas privilegiadas cabeças tirar bonitas frases, porém de vir botá-las em execução não. Uma delas é assim: "Pedimos para vir à guerra, lutamos com entusiasmo e temos certeza de vencer".

Relação de material do saco A



C O P I A

5a. COMPANHIA

REGRESSO DA F. E. B. MATERIAL

Carga máxima a ser levada pela bagagem

PRAÇAS - Saco A e B - 100 libras (45 quilos)

Artigos a serem levados obrigatoriamente:

SACO A

Blusão ou blusão de lã verde oliva claro 1
Calça de brim verde oliva clara..... 1
Calça de brim verde oliva escura..... 1
Cobertor de lã verde oliva..... 1
Cueca 2
Cinto de lona verde oliva..... 1
Cobertor 2
Kit-saco de bolsa 1
Meia 3
Perna com pala de lã verde oliva 1
Lenço 3
Boné de Algodão..... 1
Gravata de banho..... 1
Toalha de rosto 1

Obs. As praças levarão no saco B, as peças restantes de seu equipamento individual.

MATERIAL BELICO - Os homens levarão carabina e munição material: Pistola, fuzil, metralhadora de mão e F.M.

Chefe da 5a. Região

ARTIGOS OBRIGATORIOS PARA EMBARQUE E DESEMBARQUE DA TROPA

PRAÇAS

Calça de lã verde oliva
Dulão ou blusão de lã verde oliva
Perneiras de couro preto
Fivelas americanas de lona
Capacete de aço e cáqui
Equipamento (fuzil, capuz e cartucheira)
Distintivo da F.E.B. (Cobra fumando)

Que eu saiba nenhum dos que está aqui na linha de frente pediu guerra, nem fez passeatas na Avenida Rio Branco fazendo o V da vitória. Os que assim procederam, ou ficaram no Brasil, porque na hora H não tiveram coragem de enfrentá-la, ou estão lá para a retaguarda em belas cidades. Ninguém me tira da cabeça que o indivíduo que escreveu esta frase é um destes.

Torre de Nerone, 24 de janeiro de 1945

Já perdi a conta dos dias que estamos na linha de frente. O Inverno veio e foi-se sem que nós saíssemos dos nossos buracos. Para combater o frio, recebemos capas de pele. Pois bem, estas capas não vieram certas. Só recebemos 100, quando a companhia tem 200 homens. Disseram eles que havia falta das mesmas. Quem passasse por Pistoia e por Porreta Terme veria todos aqueles que trabalham nos QG, que têm um belo fogo para se escaldar de dia e de noite, que têm boas camas para dormir, envergando lindas capas de peles brancas. Por aí calculem como devemos estar nós da linha de frente. Nosso major, cujo apelido era "Sarapico", não tem iniciativa. Cumpre todas as ordens recebidas, sejam elas as mais absurdas. Felizmente foi ser S-4 do regimento. O antigo já não funcionava, não importa que ele também não funcione.

O atual comandante do batalhão é formidável. É macho mesmo. Foi o tal que fechou o cinema Odeon, em São Paulo, num dos bailes de Carnaval. O nosso capitão também é barreira. Com uma dupla dessas nós não precisamos ter precauções, pois não nos mandarão fazer aquilo que não for perfeitamente compatível.

Passeata pró-guerra

No Inverno muito sofremos. Porém a sina do homem é sofrer mesmo. A neve aqui subia a uma altura de cerca de um metro. O frio era intenso. A alimentação nem sempre podia ser quente. Aliás, quase sempre era ração fria. O frio a tudo penetrava. Foi uma vitória. Todos que lá estiveram podem se considerar heróis, pois deram à pátria, senão a vida, a saúde.

Soprassasso, 8 de fevereiro de 1945

Na Torre de Nerone ficamos até 8 de fevereiro. Ali passamos todo o Inverno. Dia 1º

de janeiro lá estávamos, assim como no Natal. Recebemos presentes da Liga Brasileira de Assistência, dos quais não precisávamos. Não custava nada mandar menos, porém de melhor qualidade. Os cigarros eram Cisne e Clarim. Se veio algum de qualidade superior, não chegou até aqui, pois não houve nenhum contemplado. As camisetas que mandaram eram na sua maioria para crianças. O soldado vestia e a manga ficava no cotovelo. E Assim por diante.

Dia 8 de fevereiro houve o ataque às cotas 802 e 822, Soprassasso e Castelnuovo. Nossa companhia tomou parte na conquista de Soprassasso, prendendo cinco alemães. Da nossa linha ficaram feridos quatro homens.

Marano, 10 de fevereiro de 1945

Passamos para a reserva da 4ª Companhia e fomos para Marano, onde ficamos na casa que era o antigo PC do RI.

Marano, 16 de fevereiro de 1945

Continuamos em Marano. Fui a Pistoia dar um passeio, voltando no dia seguinte.

Florença, 23 de fevereiro de 1945

Fui para Florença, onde ia passar quatro dias de dispensa. Fomos eu, o tenente Nonato

e o Quadros. Ao chegarmos lá soube que estava registrado no *Rest. Camp.*, como da vez anterior. Porém preferi ficar com Nonato e Qua-

QUARTEL GENERAL DO 5° EXÉRCITO

Á TODOS OS OFICIAIS E PRAÇAS DO 5° EXÉRCITO

Durante cerca de dois anos, vós lutastes na Italia sob as piores condiçoes de tempo e de terreno, contra um inimigo fanatico. Vencestes os melhores exércitos inimigos e atravessastes suas mais fortes defesas. Libertastes a maior parte da Italia, do calcanhar do tirano. Mantivestes à vossa frente, forças inimigas que eram de grande necessitade para enfrentar nossos camaradas de outras frentes. Vossa campanha, constitue um monumento ao treinamento, espirito combativo, arrojo, agressividade, determinaçao, vontade de sofrer as privaçoes dos soldados aliados e ao comando dos oficiais de todos os postos.

Hoje, estamos ás vesperas de nossa ultima grande batalha. A Léste e a Oéste, nossos camaradas estao levando o inimigo pela frente. Resta-nos destruir esta ultima grande força inimiga na Italia e completar a Vitoria. Destruindo-a devemos:

a) evitar que inimigo retire forças para ontras frentes;

b) impedir o inimigo de continuar a luta em qualquer outro logar;

c) completar a libertaçao da Italia e evitar maiores males e destruiçao para esta infeliz naçao;

d) negar ao inimigo, os recursos de que necessita para prolongar esta luta de destruiçao;

e) dar o golpe, que em conexao com os ataques nas outras frentes, trará o colapso da resistência inimiga.

Na Italia, estamos em melhores condiçoes do que nunca. Enfrentamos um inimigo enfraquecido por successivas derrotas, quasi sem força aérea e com enormes faltas de suprimentos essenciais. Nossas unidade estao com toda a sua pujança, equipadas com o que ha de melhor no mundo; nossos suprimentos, sao mais que adequados; contamos oom o apoio integral de uma potente força aérea. Nossos planos sao bons e cuidadosamente preparados. Nossos Chefes, sao veteranos com experiência de combate e nossas tropas, as melhores que o mundo já viu.

O sucesso depende da execuçao, e o sucesso desta operaçao está em vossas maos. Os olhos do mundo estao sobre nós. Que cada oficial e cada soldado cumpra o seu dever. Sêde corajosos e confiai em vós próprios, em vossos camaradas, em vossos chefes, em vossa superioridade sobre o inimigo. Usai vossas armas e empregai todos os meios para sobrepujar o inimigo. A velocidade, é vital, usai vossas pernas. Sêde agressivos, sêde duros, ao golpear o inimigo; preparai-vos para matar e destruir, e tomar o objectivo a todo o custo. E finalmente, mantende-vos alerta, usai vossa iniciativa, aproveitai-vos de qualquer oportunidade, nao deis descanço ao inimigo. Aniquilae-o.

Com plena e absoluta confiança em vós e em vossa lealdade, eu contemplo esta operaçao com a certeza absoluta de gloriosa vitoria. Sinto-me orgulhoso de ser vosso Comandante.

Mereceremos, uma vez mais, agradecimentos de nossas Patrias.

L. K. TRUSCOTT JR.
Tenente General - U. S. Army
Comandante

Convocação para o ataque final

dros no Hotel Brasileiro para Oficiais. O hotel é bom, a comida gostosa e bastante farta. Nós havíamos trazido um Jeep da CPP e assim andamos sempre de carro. Durante a estadia lá diverti-me bastante, dancei várias vezes no *Music Box* americano e no Clube para Oficiais brasileiro. O nosso clube deixa muito a desejar, pois não vai ninguém lá. Só uma meia dúzia de donas que já estão mais do que conhecidas.

Florença, 27 de fevereiro de 1945

Estávamos no *Music Box* assistindo o show. Depois do mesmo, um americano pegou no microfone e disse algumas palavras. Houve um delírio geral. Não entendemos nada, porém indagamos e soubemos que na frente ocidental as tropas alemães começavam a apresentar indícios de desmembramento. Isto foi motivo para que mandássemos vir uma virada de champanhe. Depois fomos para o Clube Brasileiro e continuamos a beber. No fim não teve quem

V EXÉRCITO
IV CORPO
Ia. D. I. E.
ESTADO MAJOR
Ia. SECÇÃO

Q. G. Avanç., 12 de Abril de 1945

Soldados do Brasil

A hora decisiva chegou. O fim do nosso inimigo se aproxima com extrema rapidez. A arrogante Alemanha, invadida por Leste e por Oeste, já nao suporta os duros golpes que lhe assestam os bravos Exércitos das Naçoes Unidas.

Na Itália, onde nos trouxe compromisso militar e o desejo indiscutivel de participaçao no conjunto que ora faz extinguir o mais tirano dos regimes de todos os tempos, as forças aliadas sob o Comando Geral do Marechal Alexander, reiniciaram a ofensiva.

A nossa Divisao, que tem sabido cumprir com galhardia as honroras missoes impostas pelo IV Corpo, aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E quando essa hora nos for indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpeto que o sentimento da honra militar incentiva, atirarem-se sobre o alemao, com a vontade férrea de nao o deixar mais respirar, até a completa fixia.

Avante, pois. É o último esforço que o Brasil exige de nós. Tenhamos certeza do êxito, que depende exclusivamente de cada um dos soldados da F. E. B. A vitoria decisiva já se faz anunciar. Ela, mais uma vez vô-lo digo, depende de cada um. Saberemos cumprir o nosso dever, único meio de podermos, cabeça alçada, chegada a Paz, retornar ao nosso país tao querido com a convicçao firme e indiscutivel de o haver servido com amor e desinteresse.

Gen. Div.
JOAO BATISTA MASCARENHAS DE MORAIS
Cmt. da Ia. D. I. E.

não ficasse embriagado. Em compensação, neste dia nos divertimos bastante.

Fui também à ópera, onde assisti "La Traviata". No Brasil, para assistir uma ópera paga-se uma fortuna. Aqui, com apenas 40 cruzeiros pode-se assisti-la de poltrona.

Só o que não me agradou foi o seguinte: todos os sábados e domingos o hotel se enche de pessoal do depósito, dos QG e hospitais. Nós, para virmos aqui à cidade com uma pequena dispensa, só depois de mais de três meses no front. Já eles, que não fazem nada, todos os sábados e domingos estão na cidade envergando seus uniformes gabardinos com o distintivo do 5º Exército num braço e o da cobra no outro. Nós, que viemos do front com os uniformes de campanha, ficamos até meio envergonhados, pois parecemos praças e não oficiais. Cada um já tem a sua noiva. São tantos, muito mais do que os da frente. Podiam muito bem nos substituir. Em vez disso, estão passeando e gozando a vida. Para eles toda a viagem a Itália foi uma mera viagem de turismo.

Monte Belvedere, 28 de fevereiro de 1945

Regressamos ao front. Quando chegamos em Marcino soubemos que nossas companhias já tinham entrado em linha no dia 26 na re-

QUARTEL GENERAL DAS FORÇAS ALIADAS

Abril de 1945

ORDEM DO DIA ESPECIAL

Soldados, marinheiros e aviadores das forças aliadas no Teátro de Operaçoes do Mediterraneo

A vitoria final está proxima. As forças alemas já estao cambeleantes e só necessitam de um golpe poderoso para ficar para sempre fóra de combate. Chegou o momento de nos lançarmos á última batalha que terminará a guerra na Europa. Sabeis o que nossos camaradas estao fazendo nos campos de batalha de Leste e Oéste. E' agora a nossa vez de executar nossa missao decisiva. Nao será um passeio; um animal mortalmente ferido, ainda pode ser muito perigoso. Deveis preparar-vos para uma luta dificil; mas o fim é bastante certo-e nao ha a menor sombra de duvida sobre ele. Vós, que vencestes todas as batalhas em que vos empenhastes, vencereis tambem ésta última.

Lançai-vos, entao, ao combate com confiança fé e determinaçao de liquidalo. Deus vos guie e bôa sorte para todos vós.

H. R. ALEXANDER
Field Marshal
Supremo Comandante
Aliado no Teátro de
Operaçoes de Mediterraneo

gião à esquerda do Monte Belvedere. Para lá tocamos. Chegamos ao QG da divisão em Livorno e Belvedere. Ali estivemos um pouco de tempo. Depois continuamos para a frente. Era porém já tarde e não foi possível achar a companhia. Dormimos no depósito de sacos da 6ª Companhia com o Nonato.

Monte Serrascicio, 1º de março de 1945

Fui de Jeep para Poggiofiorito, onde estava o PC da companhia.

A companhia estava em Monte Serrascicio, de 1380 metros de altitude. A subida para lá era muito íngreme e muito perigosa. Levava-se três horas para ir lá de baixo a lá em cima, tendo que passar por um rio no pé da montanha. A comida e a munição subiam em muares conduzidos por alpinos italianos. Era raro o dia em que não rolava um dos burros lá de cima vindo cair na grota em baixo. Os italianos aproveitavam a carne para comer.

Em baixo ficava o sub-comandante da companhia, *o sargenteante**, o sargento Furiel, o pessoal do rancho e os encarregados de tomar conta dos sacos. Telefonei para o capitão. Ele me disse que era melhor eu não subir, pois as peças de morteiro estavam com os pelotões. Assim fiquei sendo o sub-comandante da área. O comandante era o tenente Agenor, muito camarada.

Passávamos o dia todo sem ter o que fazer. À noite os alpinos promoveram um baile e vieram nos convidar. Como não temos orgulhos, comparecemos. Havia uma meia dúzia de garotas e mais de vinte soldados. Felizmente eles eram camaradas e de vez em quando nos deixavam dançar uma.

**Primeiro-sargento, mais antigo, encarregado dos serviços gerais*

Depois conheci a Fernanda, uma das moças de lá. Não era feia. Aliás, era bem interessante. Sabia dançar muito bem. Com ela fui ainda a alguns bailes. A nossa diversão era assistir a chegada do pessoal que atravessava as linhas passando em cima das montanhas. Lá em Poggio havia um posto da Polícia Militar encarregado disto. Às vezes chegavam meninas muito bonitas.

Monte Serrascicio, 8 de março de 1945

Foram feridos em Serrascicio oito soldados da nossa companhia quando faziam uma patrulha. Os alemães esperaram que a patrulha entrasse num desfiladeiro e depois desencadearam um bombardeio de artilharia e morteiros. Para descer os feridos foi um grande problema, pois o caminho era muito esteiro e perigoso e eles tinham que vir nas padiolas. A descida começou às 19h e o último ferido chegou depois de meia-noite. Felizmente, porém, os ferimentos não eram graves, senão eles teriam morrido devido a passar tanto tempo sem tratamento. Os alemães, creio que desconfiando que iria ser feita a descida dos feridos, bombardearam toda a tarde o caminho que desce de Serrascicio. Não sei como a 1ª Divisão de Montanha conseguiu tomar de assalto aquelas posições alemães. Poucos dias depois o tenente

Agenor foi para Roma e eu fiquei sendo o comandante supremo da área.

Abetaia, março de 1945

Fomos substituídos pelos negros americanos. A mesma divisão que nos havia substituído em Fabbriche e Galliano e que no Natal havia corrido, deixando todo o material. Começaram a chegar pela manhã e foram ficando na cidade. Na hora de subir, já havia vários debelados. Depois de vários entendimentos, eles começaram a subida. Alguns, porém, não queriam de nenhum modo subir. Um tenente preto como um carvão, de óculos, comandante de um pelotão de metralhadoras, queria subir só no dia seguinte. Foi preciso que o S-2 do batalhão, um capitão branco, convencesse-o a subir. O comandante da companhia que nos substituiu e o sub-comandante não quiseram subir. Resolveram deixar o PC da companhia cá embaixo.

De noite ainda havia negro subindo o morro. Muitos, cansados, abriam a manta e dormiam na beira da estrada. O nosso pessoal desceu logo e foi alojado nas casas da cidade. Só ficaram lá o capitão e os oficiais, que desceriam pela manhã.

No dia seguinte pela manhã, às 11h, deslocamo-nos de caminhão para Abetaia, onde

iríamos acampar. No dia anterior, tinha ido com o S-1 do batalhão até lá para escolher o local para as companhias. Eu e o sargenteante balizamos todo o acampamento, escolhemos local para os pelotões, para a cozinha, para o PC e para a privada.

Chegamos a Abetaia às 14h. Armamos barracas e ficamos aguardando ordens. Estávamos nos preparando para a grande ofensiva. As tropas de todas a divisão foram todas dispostas ao longo da estrada de Abetaia, eixo de nosso avanço.

Ficamos ali alguns dias, comendo e dormindo. Domingo o nosso capelão veio rezar uma missa para nossa companhia. Grande parte da companhia tomou comunhão. Houve ainda, antes de sairmos desse local, outras missas.

Nós, os oficiais, ficamos primeiramente numa barraca que parecia a cabana de Pai Thomas, porque estava toda de banda. Depois armamos outra um pouco maior. Nela estavam eu, o tenente Salies, que havia sido ferido na

Poster da campanha

Torre, mas já havia regressado do hospital; o tenente Prates, comandante do 2º Pelotão; o tenente Onofre, comandante do 3º Pelotão, havia sido promovido por atos de bravura; o tenente Agenor, que já regressara de Roma, e o capitão Souza Júnior, comandante da companhia.

Ali passamos uns dias agradáveis, recuperando as forças para a ofensiva que se avizinhava. Em Serrascício só comíamos ração fria, isto é, ração em lata. Aqui, porém, era a comida quente.

Uma noite resolvemos fazer um show. Reunimos o cabo Peixe, que toca clarineta, o cabo Marcílio, que toca violão, o Altivo, tocador de pandeiro, e nos divertimos tocando as músicas gostosas da nossa pátria.

Monte Castelo, março de 1945

Nos deslocamos de Abetaia de caminhão. Passamos pelo Monte Castelo, de cuja conquis-

ta até hoje os homens do 1º RI não se esqueceram. Aliás, foi a única coisa que eles fizeram nesta guerra. Esta conquista não foi uma missão difícil, como eles dizem. Antes, em dezembro e janeiro, conquistá-lo teria sido um feito digno dos maiores méritos. Agora, porém, não.

A 10ª Divisão de Montanha havia conquistado o Monte Belvedere, tendo somente neste ataque 1.200 baixas, e depois o Monte de la Torrevecchia. Assim, o Monte Castelo ficou praticamente envolvido. Os alemães então abandonaram-no, deixando uma fraca cortina de fogo. O Regimento Sampaio veio e tomou-o sem dificuldades. Tanto é assim que o número de baixas foi de apenas 2%. Quase nada, como se pode ver.

Montese, abril de 1945

Chegamos *(num lugarejo no caminho de Montese*)* às 15h. Fomos dispostos ao longo da estrada, para dormir ali aquela noite. Antes de escurecer começaram a cair granadas nas proximidades. Foi uma correria geral. Todos começaram a cavar seus *fox-holes*. Eu, o capitão, o Prates, o Salies e o Onofre ficamos junto de uma árvore. Porém não sentimos coragem de cavar o *fox-hole* e dormimos ali assim mesmo. Felizmente durante a noite não caíram granadas nas proximidades.

No dia seguinte, eu, o Prates, o Salies e o capitão fomos a Montese fazer um reconhecimento, pois iniciaríamos o ataque naquela frente. Chegamos lá debaixo de um bombardeio infernal. Durante três dias estavam sendo bombardeados dia e noite sem tréguas. A cidade era um monte de ruínas. Eram poucas as casas que não estavam totalmente por terra. Numa dessas casas estava o posto médico do batalhão. Lá fomos encontrar, barbado e abatido, porém sempre alegre, o tenente Mallet, que já havia sido do nosso batalhão. Aí ficamos sabendo das tragédias que ali tinham tido lugar. Vários mortos e dezenas de feridos, grande parte ao atravessar campos de minas que havia ao Sul da cidade. As companhias estavam em posições nas elevações ao Norte da cidade.

Ao sairmos, fomos presenteados com uma rajada de granadas de canhão de grande calibre. Deitamos entre o barranco e o Jeep que estava parado. A qualquer momento esperávamos receber uma ameixa no quengo. Como não parasse o bombardeio, resolvemos retrair. Saímos correndo e fomos esperar que serenasse um pouco o bombardeio no posto médico. Depois saímos e nos dirigimos para a retaguarda. Ao atingirmos um outro ponto, do outro lado da ponte, tivemos que parar novamente, pois o alemão fazia outra rajada sobre nós. Entramos numa casa e esperamos que acalmasse um pouco. Depois voltamos para onde estava a companhia.

*No original foi deixado espaço para a colocação do nome correto

Montese, 15 de abril de 1945

Outro reconhecimento fizemos. Desta vez fomos eu, o capitão e o Salies. Chegamos até as posições da 8ª Companhia do 6º RI. Estivemos com o capitão Hélio e outros oficiais. As companhias estavam com efetivos reduzidíssimos. Em uma das companhias só sobraram cinco homens do Pelotão de Petrechos, cujo efetivo era de 35. Neste dia os alemães estavam atirando, porém com um pouco menos de furor. Estivemos ali conversando e reconhecendo a base de partida para o ataque, que seria Casa Briffoni. O capitão Hélio e os oficiais da 8ª achavam que o ataque seria um suicídio, pois os alemães estavam muito bem organizados e com um grande poder de fogo. De certo o ataque seria realizado com sucesso, porém quando estivéssemos conquistado o objetivo eles desencadeariam sobre nós uma barragem terrível de artilharia e morteiros. Seria grande o número de baixas, pois os infantes ainda não haveriam cavado seus abrigos individuais.

Patrulha em Montese

Depois viria um contra-ataque, que na certa não conseguiríamos rechaçar.

Ali em Montese os alemães estavam atirando mais do que a nossa artilharia. Tínhamos, assim, muito menor potência de fogo. O ataque só é possível quando se tem superioridade de fogo. Felizmente soubemos que teríamos apoio de um pelotão de tanques. Em Montese havia três tanques na estrada destruídos por minas. Ainda aproveitamos e levamos uma Thompson que estava abandonada em um deles.

Montese, 16 de abril de 1945

O ataque à cota 927 seria o grande assassínio. Nosso 3º Batalhão já tinha sido dizimado ao substituir o 11º RI nas alturas logo ao Norte de Montese. Ao chegar à cidade ainda encontramos resistência, pois os elementos do 11º RI passaram pela mesma, porém não fizeram a limpeza. Aí começou a tragédia. Depois foram para Casa Briffoni, onde diziam já haver elementos do 11º. Foram recebidos a tiros de metralhadora. O bombardeio

Mapa do roteiro da FEB

alemão se encarregou do resto. Um bombardeio sem tréguas durante todo o dia e toda a noite. Foi considerado o terceiro maior bombardeio alemão na campanha da Itália. O nosso bravo batalhão teve cerca de 200 baixas e mais de 20 mortos. Isto em apenas três dias. Os que escaparam, de certo durante muito tempo não vão poder ouvir um tiro de canhão. Estive na posição dos mesmos e percebi como a moral estava abatida depois de três dias naquele inferno.

Pois bem, o nosso comando, não satisfeito, resolveu que o nosso batalhão atacasse a cota 927 tendo como base de partida Casa Briffoni, que ainda não estava ocupada. Na véspera o capitão e nós os oficiais havíamos feito o reconhecimento debaixo daquele bombardeio infernal e verificamos desde logo que a missão seria de sacrifício, que poucos se salvariam. Enfim, ordem é ordem, e mesmo sabendo o que nos esperava resolvemos cumpri-la.

Às 20h30 partimos para o local do ataque, pois somente à noite se podia deslocar devido à observação alemã. Passamos a noite numa ravina a três quilômetros de Montese. O ataque seria realizado às 6h. Poucas horas antes do ataque, resolveram transferi-lo.

Montese, 17 de abril de 1945

Deslocamo-nos novamente para o local do ataque. Dormimos desta vez no local primiti-

vo, pois antes de chegarmos a Montese houve ordem de voltar, pois tinham dado última forma. O comando do 4º Pelotão achou que um ataque ali não teria resultado algum. Consideravam aquele ponto um ponto forte do inimigo. Acharam mais aconselhável o ataque por outro lado e aquela resistência cairia por envolvimento. Foi assim que mais uma vez escapamos, graças ao nosso comando americano e ao nosso anjo protetor.

Tolé, 18 de abril de 1945

Trocamos de acampamento. Neste novo acampamento permanecemos um dia. Depois embarcamos em caminhões e fomos conduzidos a um ponto onde iríamos substituir uma companhia da 10ª Divisão de Montanha.

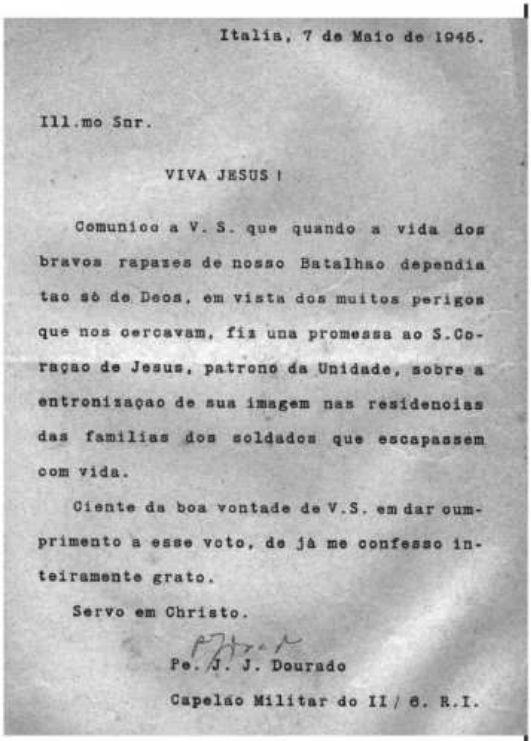
Tolé, 19 de abril de 1945

Depois de substituirmos a 10ª Divisão de Montanha em Tolé, começamos a avançar, cooperando na ofensiva geral das tropas aliadas em operações na Itália.

Zoca, 20 de abril de 1945

Avançamos quase sem resistência. A única oposição eram tiros de artilharia e de mor-

teiros. Assim, na primeira jornada fomos até Zoca, que foi tomada (objetivo dado pelo RI). Zoca foi atingida às 18h.



Italia, 7 de Maio de 1945.

Ill.mo Snr.

VIVA JESUS !

Comunico a V. S. que quando a vida dos bravos rapazes de nosso Batalhao dependia tao sò de Deos, em vista dos muitos perigos que nos cercavam, fiz una promessa ao S.Coraçao de Jesus, patrono da Unidade, sobre a entronizaçao de sua imagem nas residencias das familias dos soldados que escapassem com vida.

Ciente da boa vontade de V.S. em dar cumprimento a esse voto, de já me confesso inteiramente grato.

Servo em Christo.

Pe. J. J. Dourado

Capelão Militar do II / 6. R.I.

Carta do capelão

Zoca, 21 de abril de 1945

À tarde partimos para um novo avanço. Dormimos esta noite em casas, pois a 6ª Companhia havia avançado na nossa frente.

Rochetto, 22 de abril de 1945

Partimos pela manhã para o ataque. Avançamos até Rochetto, passando por Roca Nalatina, que na véspera havia sido atingida pela 6ª Companhia. Neste dia sofremos muitos tiros de artilharia e de morteiro alemães. Foram feridos por estilhaços durante esta progressão o sargento Jamil e o soldado Barriga. Em Rochetto ficamos organizados defensivamente à margem do Rio Fanarro.

Vignola, 23 de abril de 1945

Prosseguimos até Marano e depois Vignola, atravessando o rio. Aí já a resistência alemã tinha se retirado. Passamos o dia todo num ponto em cima do morro. Interessante é que foi o primeiro lugar em que só encontramos mulheres feias. Umas pernetas, outras zarolhas. Azar nosso, pois quando o lugar tinha boas meninas nós não ficávamos uma noite.

San Paolo, 25 de abril de 1945

Tomamos os caminhões. Seguimos para San Paolo, passando por várias cidades italianas, como Castelvetro, Iasmolo e outras. Andamos cerca de 100 quilômetros de caminhão. Aí já estava na *pianura**. Depois de tantos meses sobre as montanhas, enfrentando os alemães e a neve, e pedindo todos os dias que chegasse o plano, o vale, tínhamos realizado nossos desejos. Ficamos em San Paolo somente uma noite

San Vitale, 26 de abril de 1945

Partimos às 15h com destino a San Vitale. Andamos cerca de 18 quilômetros a pé.

**Planície, italiano*

Por todos os lugarejos em que passávamos éramos saudados pela população, que batia palmas e nos cobria de flores. Éramos, diziam eles, os libertadores. Por nós esperavam há mais de um ano sofrendo debaixo do jugo alemão.

Durante a progressão houve um acidente bem triste com um dos nossos soldados. As granadas que o mesmo trazia num saquinho, não se sabe como, explodiram. O pobre coitado teve um ferimento profundo na perna e na mão. É quase certo que o mesmo perca a perna e a mão, isto se não morrer dos ferimentos. Ainda foi ferido um outro soldado, porém os ferimentos não são graves.

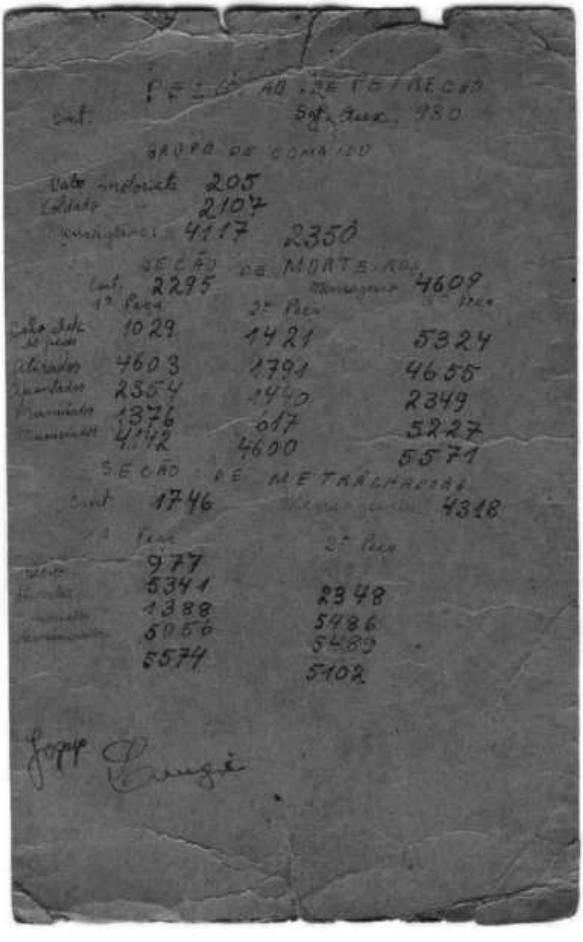
Em San Vitale, para onde fomos, soubemos pelo major que estávamos cercando 8.000 alemães mais ou menos. Estes alemães tinham canhões e também tanques, os célebres tigres de 70 toneladas.

Nossa companhia ficou na margem esquerda do rio com a missão de assinalar o inimigo caso o mesmo se resolvesse a romper o cerco pelo nosso lado. As outras duas companhias do batalhão ficaram na outra margem do rio, com a missão de resistir.

Felizmente durante a noite não houve nada de novo. Eu e o tenente Salies ficamos numa casa perto de onde se encontravam os nossos pelotões. Tomei uns vinhos formidáveis.

San Vitale, 28 de abril de 1945

Os donos da casa já estavam preparando um lauto almoço para nós dois, quando recebemos ordem de deslocamento. Estes dias todos temos comido ração C. Deslocamo-nos cerca de quatro quilômetros de Jeep e caminhão. Depois andamos mais uns dois quilômetros e entramos em posição sobre uma pequena elevação. Quando estávamos começando a cavar o *fox-hole* começamos a receber tiros diretos de tanque. O interessante porém é que os ditos tiros caíram na contra-encosta onde estávamos. Um tiro direto é um bocado terrível porque o espaço de tempo entre a onda de boca e a explosão é muito pequeno, de modo que não dá tempo de se abrigar. Aliás, os abrigos ainda não estavam prontos. O canhão estava muito pró-


PELOTÃO DE METRALHADORAS
Cmt: Sgt. Aux. 980
GRUPO DE COMANDO
Cabo Andrade 205
Soldado 2107
4117 2350
SECÇÃO DE MORTEIROS
Cmt. 2295 4609
1ª Peça 2ª Peça 3ª Peça
1029 1421 5324
4603 1791 4655
2354 1440 2349
1376 617 5227
4142 4600 5571
SECÇÃO DE METRALHADORAS
Cmt 1746 4318
1ª Peça 2ª Peça
977
5341 2348
1388 5486
5056 5489
5574 5102

Anotações dos números dos soldados do Pelotão de Petrechos

ximo, pois ouvia-se nitidamente a onda de boca. Pouco depois saíram do bosque a nossa retaguarda cinco tanques americanos, que se dirigiram para as linhas alemães canhoneando e metralhando. Era para um dos nossos pelotões atacar apoiado por eles, porém o major deu última forma.

Pouco depois nos deslocamos, ocupando uma linha de cristas um pouco à frente. Ainda esta tarde sofremos tiros de morteiro e canhões.

Serreto, 29 de abril de 1945

Pela manhã chegaram três parlamentares alemães que vinham tratar dos termos da rendição. Sabiam que a guerra estava perdida para eles. Resistir mais significava apenas mais derramamento de sangue inútil. Só impunham uma condição à rendição. Faziam questão de não ser entregues aos *partizanos**.

Assim, depois de vários desmanches, se entregou à nossa companhia um batalhão alemão composto de 563 homens. Este batalhão havia estado em Castel d'Aiano, em Montese e já havia se batido conosco várias vezes no vale de Focchia. Era um batalhão especializado em combate em montanha. Continuamos ali em Serreto ainda alguns dias.

**Milicianos italianos contrários aos alemães*

Serreto, 3 de maio de 1945

Soubemos que tinham cessado as hostilidades na frente italiana. Todos os exércitos alemães desta frente se haviam rendido incondicionalmente às nossas tropas. Agora estamos somente esperando o momento de embarcar de volta para o Brasil. Também já basta. Estes 11 meses de Itália já foram suficientes para sentirmos as agruras da guerra.

Casei Gerola, 4 de maio de 1945

Saímos de Serreto a pé. Fomos até a estrada que passava lá embaixo. Tomamos os caminhões e partimos. Nosso destino era Casei Gerola. Passamos por Fornovo de Taro, onde até poucos dias atrás estava a divisão alemã que se rendeu ao nosso regimento. Havia uma grande quantidade de material deixado pelos mesmos. Alguns tanques semi-destruídos. A cidade não está muito destruída, pois os alemães pouco resistiram. A ponte sim que está completamente derrubada.

Passamos depois próximo a Parma e tomamos a direção do Norte. Passamos por Piaceniza e Florença. Depois Voghera, onde ia ficar o 1º Batalhão do nosso regimento. Por todo lado se vê os *partizanos** fardados, com metralhadoras e granadas. Depois que os alemães se entregaram eles apareceram como encanto de todas as partes.

Sete quilômetros depois de Voghera fica Casei Gerola, nosso destino. É uma cidade pequena, com uma média de 2.000 habitantes. Logo que chegamos, os pelotões foram alojados numa escola que havia na praça principal e única. Mandei procurar um lugar para ficar, pois agora que terminou a guerra preciso de uma certa comodidade. Finalmente acharam, na Via Roma, uma casa com dois quartos completamente independentes. Num deles fiquei eu e o Onofre, que não tinha ainda arranjado acomodações. No outro quarto ficaram os dois mensageiros: o Moreira e o Eloy.

Felizmente aqui em Casei está apenas a nossa companhia. O restante do batalhão ficou em Castelnuovo Scrivia, a seis quilômetros daqui. Assim é muito mais fácil controlar nossos soldados.

Casei Gerola, 5 de maio de 1945

Nos primeiros dias, como não tinha ainda chegado nossa cozinha, estávamos comen-

do ração fria. Íamos pois, sempre, à cozinha da casa esquentar nossa comida, mandar fritar alguns ovos, etc.. A dona da casa mostrou-se desde logo muito boa. Sempre prestativa e fazendo tudo na melhor boa vontade. O marido dela também é um senhor muito dado e muito educado. Oferecia-nos sempre vinho branco espumante. Ofereceu-nos logo a casa e pôs-nos completamente à vontade. A filha do casal, uma senhorita de 15 anos, muito bonita e muito delicada, se chamava Maria. Estava estudando em uma escola em Voghera, para onde ia toda manhã, voltando meio-dia.

Rendição de soldados alemães ao exército brasileiro

Logo que chegou o rancho ficou estipulado o seguinte horário de refeições: o café da manhã às 9h (assim podíamos dormir à vontade), o almoço às 14h e a janta às 19h. Ainda havia um bar na cidade, onde podia-se que-

Tropa brasileira escolta prisioneiros alemães

brar o galho quando tinha fome. O menu, porém, não era muito variado. Do mesmo só constavam ovos, salame e batatas.

Domingo à tarde houve um baile oferecido a nós. Tratei logo de convidar a Maria. Porém, infelizmente pra mim, ela não dançava. Com a guerra, nunca tinha tido a oportunidade de ir a nenhum baile. Sendo assim, fui só. No salão havia muitas senhoritas bonitas, porém não dancei porque estava com pouca vontade. Fui apresentado pelo Agenor a Rosetta e Antonieta. Mais tarde me apresentou a *Argentina* e a Lúcia. Apesar de terem insistido para que eu dançasse, não dei o braço a torcer.

Depois houve outro baile na casa da Rosetta. Este, porém, apenas para os oficiais. A princípio não estava com vontade de dançar. Depois comecei a beber vinho e vermute. Não sei se foi por causa da bebida ou por terem insistido tanto, o certo é que resolvi mostrar minhas qualidades. Minha primeira dama foi a própria Rosetta. Agora não me recordo se tocava um tango ou uma valsa. O certo é que me desempenhei cabalmente de minha árdua missão. Dancei ainda algumas vezes. Às duas horas fui para casa dormir.

Toda tarde ando de bicicleta. Aqui todas as casas têm bicicleta. Há bem uma meia dúzia delas a minha disposição. Só aqui em

casa há três, sendo que a que mais me agrada é da Mariazinha. Já desisti de tentar alguma coisa para o lado dela, pois é ainda muito jovem e nunca teve um namorado. Quando não há baile aqui, pego uma bicicleta e vou dançar nos lugarejos visinhos: em Giola, Cornale, Silvano, Corona, Molino, etc.. É melhor, porque sendo desconhecido posso me divertir mais à vontade. Assim mesmo, de vez em quando, aqui em Casei, sabem que dancei muito com uma certa pequena, que dancei toda a noite com uma outra e assim por diante. Dizem logo que estou *fegato**. Assim, cada vez vou procurando bailes mais afastados daqui.

Cinema O.N.D.- Casei Gerola

Dotazione B

SECONDI POSTI

Lo spettatore deve conservare il presente tagliando per tutta la durata dello spettacolo. Quando da una verifica di controllo ne risultasse sprovvisto, dovrà pagare una seconda volta il prezzo del biglietto.

Serie B 524

Ingresso de cinema

Esta manhã resolvemos fazer uma festa em agradecimento a que nos foi oferecida. Para isto cada um deu uma certa quantidade para comprarmos bebida e contratar os tocadores. Resolvemos fazer duas festas: uma para os oficiais na casa da Rosetta e outra para os praças no salão do cinema.

A festa será amanhã à noite. Já foram organizados os convites. Se a entrada for livre, virá gente até de Milano, pois de certo se espalhará a notícia de que será servido um chocolate com bolos, balas e biscoitos.

**Audacioso*

Casei Gerola, 6 de maio de 1945

Hoje à noite será a festa. Estou, porém, um pouco aborrecido, pois terei que ir com uniforme de campanha, enquanto os outros irão com uniforme gabardine. Minha mala ficou pra trás e só chegará daqui a alguns dias.

Casei Gerola, 7 de maio de 1945

Ouvindo o rádio às 16h30, soube que às 14h30 o general comandante de todas as tropas alemães havia decretado a rendição incondicional de todas as tropas em operações. Agora não é só para nós que terminou a guerra, porém para todos os que lutaram na Europa. Dizem que o 5º Exército, do qual fazíamos parte, vai para o Pacífico continuar a luta contra os japoneses.

Ontem realizou-se a nossa festa. Conforme prevíamos, foi uma grande *serata**. De oficiais, tínhamos nós da companhia e mais o tenente Machado e o tenente Castelo, da CPP, o capitão Almenor, o tenente Torres e o tenente Hélio. O elemento feminino que compareceu foi o melhor possível. Compareceram a Irides (*Argentina*), a Severina, a Antonieta e outras. De Voghera, vieram algumas convidadas da Rosetta. Eram ao todo umas 20 senhoritas. Até a Maria compareceu com o pai, porém não dan-

**Festa, sarau, em italiano*

çou nem uma vez. Ficou sentada assistido a festa. Na hora do chocolate, eu e o Onofre fizemos questão de servi-la. Pouco depois, mais ou menos à meia-noite, ela se retirou com o pai.

Conheci uma morena de Voghia, devia ter uns 17 anos, de nome Maria Luiza. Com ela dancei grande parte da noite. Às vezes a revezava com a Irides e a Antonieta. Diverti-me muito esse dia. Creio que foi uma das melhores festas que houve aqui nesta cidade. O salão estava todo enfeitado. Nas paredes e no teto viam-se bandeiras brasileiras e italianas. Gastamos nesse baile, só em bebidas, 12.000 liras (2.400 cruzeiros). Todos, porém, saíram satisfeitos. Beberam à vontade o que quiseram: vermute, conhaque, vinho branco, vinho tinto, licores. Foi servido ainda durante a noite um café e um chocolate. Foram distribuídos chocolates, caramelos e cigarros.

Uniforme de gabardine

Casei Gerola, 8 de maio de 1945

Continua a vida aqui seguindo o mesmo ritmo. Cada dia que se passa mais forte se tornam as amizades e outras e mais outras con-

quistamos. Já conheço toda a população da pequena cidade. Todos fazem questão de ter nossa amizade. Não sabem o que fazer para captar nossa simpatia.

Os alemães estiveram também aqui quando estavam de posse do Norte da Itália. Aqui, como em outros lugares, a conduta deles foi a mesma: brutais e desumanos. Nós, com todo nosso defeito, somos sentimentais e nosso temperamento se aproxima bastante do italiano, que é, como nós, um povo de descendência latina.

Durante o dia, como nada temos a fazer, dormimos. À noite então saímos a procurar um baile ou qualquer outra diversão. Já estão fazendo preparativos para aparecer uma festa para nós no castelo. Este castelo é uma verdadeira obra de arte. Sua construção data de antes do descobrimento do Brasil. Já sofreu várias reformas, porém conserva ainda as mesmas linhas imponentes. O dono, um dos grandes milionários da Itália, escondeu, como falam todos os habitantes de Casei, para que não caísse nas mãos dos alemães, todas as suas riquezas. Logo que aqui chegamos, como não havia lugar para instalar nossa cozinha, o capitão teve que lançar mão da garagem do castelo. Sendo assim, os nossos soldados comem todos os dias nos parques do castelo, debaixo das seculares árvores que lá se encontram. O dono do castelo cedeu a garagem para nossa cozinha a contragosto, porém agora está mais satisfeito, pois nossos soldados, compreendendo a responsabilidade que pesa sobre eles, não

fazem má propaganda do Brasil. Utilizam os parques para fazer suas refeições sem danificar as plantas e observando todos os preceitos de higiene.

Casei Gerola, 9 de maio de 1945

Será hoje à noite o baile no castelo. Os preparativos são muitos. Durante o dia dormimos e descansamos bastante. Uma vez ou outra o capitão consegue algum vinho para se beber às refeições. O pessoal porém não liga muito a ele, pois passa o dia todo recebendo nas casas dos italianos.

Ontem à noite fui ao cinema com a senhorita Yolanda. Foi tudo tão casual. Estive na casa dos pais dela, onde bebemos eu, o tenente Agenor e o tenente Onofre alguns copos do bom vinho. Depois resolvemos sair. Eu iria ao cinema e o Onofre e o Agenor iriam para casa. Como a menina queria ir ao cinema e não tinha companhia, eu prontifiquei-me a acompanha-la. Que insigne honra! A Yolanda é uma das mais belas moças aqui da cidade. É loura e forte, desembaraçada. O que porém atrai qualquer pobre mortal são seus olhos de um azul celeste. Já apelidams ela de "olhar de morteiro", pois quando passa os olhos sobre uma pessoa parece que o pobre infeliz recebeu um tiro de morteiro na cabeça, de tão desequilibrado que fica.

Casei Gerola, 10 de maio de 1945

Acordei hoje muito bem disposto. Tenho aproveitado bastante o descanso que ora nos proporcionam motivado pelo término da guerra. Sou sempre o último a levantar. Em compensação sou também o último a deitar, pois é raro o dia em que não vou a uma aldeia próxima dançar.

Ontem a festa no castelo estava regular. Não estava como desejaríamos, porque só foram convidadas famílias de uma posição elevada da cidade. Geralmente nestas famílias só se notam moças feias e encardidas. Para mim porém satisfez, pois minha dama preferida, a Irides, lá estava, aumentando com seu encanto a suntuosidade da festa. Cansei de dançar com ela. Já vai se iniciando entre nós dois um pequeno romance. A mãe dela não se opõe, pois é desejo dela que algum brasileiro leve sua filha para o Brasil. Ela é conhecida aqui na cidade por Argentina, pois lá nasceu, vindo ainda pequenininha para a Itália. Sua mãe recorda ainda com saudades os tempos passados na grande república sul-americana, onde havia, como diz ela, trabalho para todos e alimento em abundância.

O tenente Prates já é considerado noivo, pois está de namoro forte com a morena mais bonita da cidade. O Salies e o Onofre não querem saber de namoro. O Agenor também já está amando com alguma intensidade a Antonieta.

O subtenente Otacílio não quer saber de namoro, porém não rejeita convite para ir dançar em Silvano Pietra.

Os dias passam-se rapidamente. Estamos aqui há pouco tempo e nos achamos já completamente ambientados. Cada um arranjou uma família amiga para conversar e se divertir. A população também já está completamente a vontade com nossa presença e muitos já conquistaram tanta simpatia que são considerados como pessoas da família.

Casei Gerola, maio de 1945

Já fiz boas amizades aqui na cidade. Agora mesmo conheci a família de um senhor, que mora um pouco retirado da cidade. Convidou-me logo para tomar vinho em sua casa e ouvir discos italianos, pois possuía uma boa cole-

ção de discos. É um senhor da Suíça, da parte italiana. Na Suíça há três territórios, espécies de estados. Em um deles se fala o italiano, no outro o francês e no último o alemão. Aproveita então os momentos em que vamos à sua casa para recordar os belos tempos passados na Suíça, que, diz ele, é o melhor lugar do mundo e onde conheceu a esposa. Nós então falamos também do nosso Brasil, das riquezas que encerra e das vastas extensões de terra que possui. Todos eles então desejam conhecer esta terra, que para eles é o paraíso. Muito lucraremos se eles para lá forem, pois são trabalhadores e honestos. Infelizmente antes da guerra os italianos que iam para a nossa terra eram os do Sul da Itália, os napolitanos e os calabreses, a escória do povo italiano. Aqui só se encontram pessoas educadas, higiênicas e amigas sinceras.

Gênova, maio de 1945

Fomos hoje a Gênova, o conhecido porto do Norte da Itália. Nossa viagem não foi propriamente um passeio, pois fomos com a missão de levar o dinheiro da companhia para a sede do Banco do Brasil naquela cidade. Para aproveitar a condução, fomos eu e o Salies, o subtenente Otacílio e o motorista.

Saímos bem cedo, porém já era dia. Salies ia na direção. Passamos por Castelnuovo

Ieriva, onde estava o PC do batalhão, para receber a permissão do oficial de motores para sair o Jeep. Passamos pelo centro da cidade. Cidade pequena, porém populosa, de ruas estreitas e calçadas de paralelepípedos. Ali recebemos do tenente Bite a permissão, partimos, passando por uma cidade onde está o 3º Batalhão do nosso regimento. Seguimos pela Estrada Real, que corta o Norte da Itália de um lado a outro e vai até Gênova. A estrada, como todas as estradas aqui na Itália, é tudo que se poderia desejar em obra de engenharia. De espaço em espaço vêem-se, nas muralhas que circulavam a estrada, frases patrióticas do fascismo, mandadas escrever por Mussolini.

Aos poucos a estrada vai subindo e circundando a montanha que separa o vale do pé do litoral da Itália. É um panorama lindo. De espaço em espaço vêem-se pequenos lugarejos à beira da estrada. Em alguns, de menos sorte, vêem-se vestígios da guerra. As pontes de um modo geral foram destruídas pelos alemães. As pontes de campanha, porém, substituíram bem as primitivas.

Agora temos a nossa frente um túnel pouco largo que é transposto pelo carro em grande velocidade. Não há perigo algum, pois as estradas são rigorosamente calçadas. Pode-se sem susto andar a uma velocidade de 100 quilômetros a hora. A viagem é longa e, apesar desta grande velocidade, levamos cerca de 45 minutos para cobrir todo o percurso de subida. Chegamos, enfim, ao alto da serra e agora,

na descida, já se descortina ao longe a célebre Gênova e o mar imenso que a banha.

Para mim foi um espetáculo novo e emocionante, pois há bastante tempo não tinha ensejo de ver as águas tranqüilas do *Tirreno*. Num dos montes mais elevados vê-se um castelo que domina completamente a cidade. Aos poucos nos aproximamos da cidade e agora já distinguimos bem os edifícios e o porto. A curiosidade é grande, pois é a primeira vez que aqui viemos.

Casei Gerola, maio de 1945

Um certo conhecido nosso, considerado como herói, não passa de um refinado ladrão. É um ladrão fino mesmo. Na sua coleção figuram alguns quadros no valor de algumas centenas de contos comprados por 150.000 liras em Milão. O pagamento, entretanto, não foi feito com dinheiro seu e sim com cigarros americanos. Seria interessante saber-se onde arranjou tantos cigarros para fazer este pagamento. Não há dúvida que estes cigarros não eram seus. Por coincidência, por esta época começamos

Genova
Pegli
Sestri Ponente
Voltaggio
Ronco Scrivia
Fraconalto
Savignone
Cadella
Montoggio
Campo Ligure
Masone
Bolzaneto
Rivarolo
Bogliasco
Pieve Ligure
Portofino
Santa Margherita Ligure
Rapallo
Chiavari
Lavagna
Sestri Levante
Cogoleto
Arenzano
Varazze
Cairo Montenotte
Carcare
Dego
Pontinvrea
Stella
Sassello
Tagliolo Monferrato
Novi Ligure
Gavi
Serravalle Scrivia
Arquata Scrivia
Ronco Scrivia
Isola del Cantone
Busalla
Ceranesi
Mignanego
Pontedecimo
Bolzaneto
Rivarolo
Sampierdarena
Cornigliano
Voltri
Pegli
Sestri Ponente
Multedo
Pra'
Pegli
Varazze
Celle Ligure
Albisola Superiore
Albisola Marina
Savona
Vado Ligure
Quiliano
Valleggia
Finale Ligure
Borgio Verezzi
Pietra Ligure
Loano
Borgio Verezzi
Finale Ligure
Calizzano
Millesimo
Cairo Montenotte
Dego
Sassello
Stella
Tagliolo Monferrato
Ovada
Rossiglione
Campo Ligure
Masone
Genova
Sestri Ponente
Cornigliano
Sampierdarena
Rivarolo
Pontedecimo
Busalla
Ronco Scrivia
Isola del Cantone
Arquata Scrivia
Serravalle Scrivia
Novi Ligure
Pozzolo Formigaro
Tortona
Voghera
Stazzano
Francavilla Bisio
Cantalupo Ligure
Albera Ligure
Grondona
Cabella Ligure
Montaldeo
Bosio
Lerma
Gavi
Carrosio
Cartasegna
Carrega Ligure
Fraconalto
Fascia
Propata
Fontanigorda
Santo Stefano D'Aveto
Rezzoaglio
Montebruno
Tonno
Ferriere
Garbaro
Orezzoli
Ottone
Gorreto
Zerba
Cerignoli
Grondona di Sopra
Corte Brugnatella
Marsiglia
Coli
Brallo di Pregola
Castellaro
Castelletto D'Orba
Mornese
Casaleggio Boiro
Carpeneto
Tassarolo
Gavi
Bosio
Lerma
Voltaggio
Fraconalto
Savignone
Montoggio
Tortona
Montebruno
Rezzoaglio
Santo Stefano D'Aveto
Fontanigorda
Borzonasca
Lumarzo
Moconesi
Uscio
Cicagna
Coreglia Ligure
Chiesa Nuova
Leivi
Carasco
Cogorno
Lavagna
Cavi
Casarza Ligure
Riva Ligure
Mongiò
Neirone
Bargagli
Davagna
Bogliasco
Pieve Ligure
Portofino
Santa Margherita Ligure
Rapallo
Chiavari

a receber cigarros brasileiros no lugar dos americanos. O boato que correu é que o general havia pedido para interromper o fornecimento de cigarro americano, pois havia uma reserva de 60.000 cigarros brasileiros. Será que pediram mesmo para interromper o fornecimento?

Logo no princípio da guerra também houve o caso de uma escrivaninha de marfim. A mesma foi tirada de uma casa e transportada pelo tal quando se retirou. O dono depois veio reclamar e, como não era possível esconder a verdade, ele disse para o dono: "A escrivaninha está aqui. Pode leva-la".

Na bagagem deste homem se contam vários caixotes com armamento tedesco. Aliás, todo o pessoal do QG tem muamba, pois na guerra fizeram tudo menos ajudar os que estavam na linha de frente.

A divisão tedesca foi aprisionada por nosso regimento. Pois bem, no Cruzeiro do Sul quem recebeu as honras foram os generais, o QG e o Serviço Especial. Nem o nome do nosso regimento foi citado. Nas citações de unidade não se vê nenhuma referência a isto. Só diz que nós cooperamos para a rendição dos mesmos. As citações das outras unidades são no mesmo molde da nossa. Esquecem-se eles que nós que tomamos Camaiore e cobrimos de glórias o nome do Brasil. Creio que se não tivéssemos dado dentro, o restante da divisão não teria vindo à Itália. Nossa atuação foi que

fez com que o americano pedisse o embarque do restante da divisão. Enfim, o comando do nosso RI é populista e creio que é por isso que ninguém gosta dele.

Florença, 14 de junho de 1945

Hoje pela manhã, às 4h30, saímos de Casei. Embarcamos ali mesmo na praça em caminhões americanos. Ontem à noite nos despedimos de todas as pessoas conhecidas. Apesar disso, na hora da partida ainda se viam muitas pessoas que queriam dar o último adeus aos amigos. Promessas foram muitas de escrever mais tarde, até voltar à Itália. Creio, porém, que ninguém as cumprirá. Quem deixará o Brasil para voltar a este país onde só encontramos sofrimento e miséria?

Deslocamo-nos para Castelnuovo, onde fizemos uma pequena parada. Depois deslocamo-nos até Pontecurone. Ali tomamos a estrada principal que leva a Bologna. Estou me sentindo bastante indisposto. Ontem, em toda casa que ia, me ofereceram vinho. Fui bebendo sem prestar muita atenção. Deitei-me às 2h30, às 3h tive que me levantar para partir. Grande parte da viagem foi dormindo. Passamos por Piacenza e Parma. Em Modena, paramos para reabastecer. Depois seguimos viagem até Bologna. Lá já nos esperava o comboio. Tomamos o trem.

Esperamos muito tempo, pois o trem só saiu às 14h30. Viajamos todo o dia. Às 21h chegamos a Florença, onde paramos cerca de 20 minutos para trocar de locomotiva. Já era muito tarde e fui dormir. Arranjei-me como pude no fundo do vagão. Estava um pouco apertado. Em todo caso consegui dormir, só acordando no dia seguinte.

Roma, 15 de junho de 1945

Acordei hoje às 5h. O trem estava parado em Livorno. Ali estivemos até as 5h30. Depois partimos para Roma, passando por Grosseto, Civitavecchia e outras cidades por onde tínhamos passado há um ano. Às 17h chegamos a Roma. Desembarcamos para fazer uma refeição. Há na estação de Roma um rancho para todas as tropas que passam por lá. Às 19h partimos de Roma em direção a Nápoles.

Deveremos chegar pela manhã ao nosso destino. Depois de apreciar por algum tempo o panorama que desfilava ante meus olhos, fui dormir.

Nápoles, 16 de junho de 1945

Acordei às 7h. O trem estava parado. Saltei, lavei o rosto e tomei café. Depois de algum

tempo o trem partiu. Andamos ainda por muito tempo.

Às 9h chegamos ao local do acampamento. Aqui já se encontravam os nossos 1º e 3º batalhões. Nossas barracas já estavam todas armadas. São barracas grandes, para dez homens cada uma. Há também cozinhas e privadas. O acampamento é muito bom: água encanada, banheiros, etc. Não está completamente pronto, pois era para chegarmos aqui dia 10 de julho. Cada homem recebeu uma cama de campanha e um mosquiteiro. O acampamento fica a 50 quilômetros de Nápoles. O único inconveniente é que tem muita poeira. Aliás, aqui no Sul da Itália o terreno é todo assim.

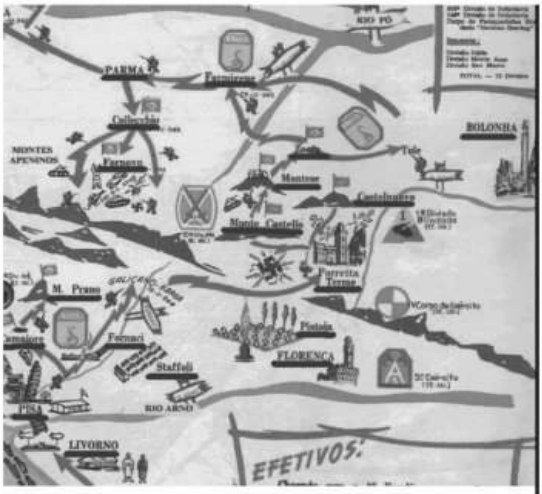
Nápoles, 16 de junho de 1945

Passamos o dia todo no acampamento. Hoje ouvimos pela primeira vez, faz quase um ano, o toque de corneta. Agora temos um horário: alvorada 6h30, café 7h30, almoço 12h, jantar 18h, revista 21h, silêncio 22h.

Nápoles, 16 de junho de 1945

Começamos a recolher o material. Foram recolhidos os Jeeps da companhia e todo o

armamento pesado, também material de intendência, transmissões, engenharia, etc.. Aqui no acampamento, durante o dia, faz um calor insuportável e durante a noite um frio intenso. O nosso maior inimigo é a poeira, que suja tudo.



Mapa da atuação da FEB

Nápoles, 4 de julho de 1945

Estamos esperando para amanhã ou depois de amanhã o embarque. As listas de embarque já estão prontas, todo o material já foi recolhido. Soubemos que o navio, o *General Mann*, atracou hoje às 14h no cais de Nápoles.

Nápoles, 5 de julho de 1945

Choveu muito hoje no acampamento, coisa que não acontecia há uns 15 dias. Às 13h30 a chuva passou por completo. Às 14h30 partiu o destacamento precursor. De cada compartimento foram dois oficiais. Amanhã será o em-

barque do grosso da tropa. À noite tem feito muito frio. Eu, como só tenho uma manta, sou obrigado a bater queixo toda a noite.

Mediterrâneo, 6 de julho de 1945

Acordamos hoje às 4h30. Arrumamos as malas, entregamos as armas de campanha e fizemos uma rápida faxina na área do acampamento. Às 5h30 foi o café: um pouco de café com leite e uma fatia de pão com presunto.

Pela manhã começaram a partir os comboios que levavam o pessoal para o navio. Nossa companhia partiu no terceiro comboio, às 7h30. Eu e o Onofre saímos às 9h40. Passamos pelos acampamentos do 11º e do 1º RI. Chegamos às 11h30 no cais. Embarcamos logo pela ponte do centro. Fui designado para o camarote 213. Durante toda a tarde continuou o embarque da tropa. Recebemos a visita do embaixador brasileiro, que veio nos dar as suas despedidas. Vieram também os generais Cordeiro de Farias e Falconiere. O comandante de um regimento da 10ª Divisão de Montanha também veio dar-nos o seu adeus. Chico, o correspondente de guerra da BBC, esteve conosco toda a tarde.

Às 18h30 o navio partiu do porto. Ao partirmos, foi cantada a canção do 6º RI. Vimos assim, pela última vez, aquele panorama tão conhecido: o Vesúvio calmo como sempre, ten-

do a seus pés Pompéia, a cidade do amor; do outro lado a ilha de Capri com sua célebre gruta azul, o encanto dos turistas.

Estou de serviço no compartimento C-30 2L, onde se encontra parte da companhia. Às 20h entrei de serviço no compartimento, onde fiquei até as 22h. Depois subi, fiquei algum tempo no salão de estar dos oficiais. Às 22h30 já estava na cama.

Volta em caminhões

Oficiais aguardam volta ao porto de Mápoles

Mediterrâneo, 7 de julho de 1945

Entrei de serviço hoje às 6h. Às 7h começou o rancho dos praças do meu compartimento. Às 8h passei o serviço ao tenente Onofre e subi para tomar o café. Estive no salão de estar toda a manhã. Ao meio-dia foi o almoço.

Depois do almoço fui para o camarote e dormi um pouco. Às 14h houve um exercício de postos de combate. Estive assim até as 16h no compartimento dispondo o pessoal para o abandono do navio. Às 18h foi o jantar, após o qual entrei de serviço no compartimento até as 20h. Houve no salão um show brasileiro. Às 18h30 começou a sessão cinematográfica para os oficiais. Às 22h tomei café no compartimento do capitão. Às 23h fui dormir. Hoje à meia-noite os relógios devem ser atrasados em uma hora. Vou entrar de serviço às 4h.

Mediterrâneo, 8 de julho de 1945

Hoje às 4h entrei de serviço. Às 6h fui acordar o Onofre para passar-lhe o serviço. Depois voltei para a cama e dormi até as 8h, quando fui tomar o café. Em seguida voltei mais uma vez para o camarote, onde fiquei até as 11h. Então subi ao salão e joguei xadrez chinês com alguns colegas, enquanto esperava a hora do almoço. Às 12h almoçamos. Nós fazemos parte da segunda turma. A primeira é dos oficiais superiores e capitães. Depois do almoço estive ainda algum tempo no salão.

Atlântico, 9 de julho de 1945

Hoje pela madrugada atravessamos o Estreito de Gibraltar. Todos nós estávamos

ansiosos para ver mais uma vez a importante fortaleza, porém como passou muito tarde nenhum de nós pôde ter este prazer. Já se nota a diferença do Mediterrâneo para o Atlântico. O navio agora está jogando muito mais. Em conseqüência começaram a aparecer os enjoados, os mesmos de sempre: o Elmo, o Junqueira, o Câmara.

Atlântico, 10 de julho de 1945

Entrei de serviço hoje à 0h. Fiquei no compartimento até as 2h, depois fui dormir. Às 8h fui ao café. Depois estive no salão. Às 10h subi ao convés para tomar banho de sol com o Ismael. Lá estivemos até 11h, quando voltei para o salão a esperar o almoço. Ao meio-dia almoçamos um bife, purê de batata e salada. Depois da comida, um café com pão e finalmente um sorvete de creme ou chocolate. Logo que saímos do salão de refeições fui para o compartimento, onde fiquei até as 14h. Houve um exercício de postos de combate, porém somente para a tripulação.

Passamos hoje pelas Ilhas Canárias. Via-se perfeitamente as aldeias com suas casas brancas. A maior das ilhas é uma ilha montanhosa e relativamente grande. Soubemos hoje da explosão do cruzador Berios nas proximidades dos rochedos São Pedro e São Paulo. Dormi um pouco à tarde. Às 17h30 levantei-

me, tomei um banho e me preparei para o jantar. Depois do jantar estive no salão algum tempo, indo depois assistir o cinema. Depois ouvi um pouco de rádio. À meia-noite fui dormir. Soubemos hoje de um "peixe" que o regimento vai para Caçapava. Todos os oficiais vão entrar de férias, com exceção do sub-comandante e do oficial mais moderno.

Atlântico, 11 de julho de 1945

O dia passou como os anteriores, na maior monotonia. Só se vê céu e água ou água e céu. Todas as manhãs tomamos banho de sol no convés para desentorpecer um pouco o corpo. Disseram que hoje ia haver uma tempestade, porém creio que a mesma foi transferida *sine die*. Assisti hoje em pé e por entre duas pilastras o filme "Caçadoras de marido", que já havia assistido no Brasil.

Atlântico, 12 de julho de 1945

Acordei hoje com o pescoço duro. Creio que devido à posição incômoda em que assisti ontem ao cinema. Passamos hoje pelo Cabo Verde. Como ele é bonito, todo verdinho. À noite houve cinema no convés. Houve também um show no salão de refeições, porém

só de capitão para cima. Agora eles passaram novamente à frente. Fui dormir às 22h, pois estava muito cansado.

Atlântico, 13 de julho de 1945

Acordei hoje às 6h, pois estava de serviço até as 8h. Assisti ao rancho do compartimento, depois fui, por minha vez, fazer a refeição. Esta manhã choveu um pouco. O navio está jogando muito, aumentando o número de enjoados. Depois do café fui me deitar um pouco. Às 11h30 subi ao convés para tomar um banho de sol. O sol hoje estava muito fraco. À noite vai haver um show para nós, os "pica fumo". Vou entrar de serviço das 18h às 20h.

Atlântico, 14 de julho de 1945

Entrei em serviço hoje das 4h às 6h. Depois de dar o serviço, dormi um pouco até as 8h. Hoje, às 11h59, atravessamos o Equador. Desta vez não houve as comemorações que tivemos quando passamos pela primeira vez pela tradicional linha. Porém agora a emoção foi muito maior, pois já estamos no hemisfério do nosso Brasil. Estamos assim cada vez mais próximos de nossa querida pátria. Houve um show para nós no refeitório. Esteve a festa muito animada: músicas americanas e brasileiras.

Atlântico, 15 de julho de 1945

A viagem continua na mesma. Só se vê céu e mar. Aproxima-se porém, a largos passos, o dia da chegada, que jamais será esquecido por nós. Quando não estou de serviço procuro dormir, porque assim o tempo passará mais depressa. Sempre à noite, após o jantar, há cinema para os oficiais. Vamos deitar geralmente às 22h.

Quando na cama, deixo vagar o meu pensamento. Rememoro todo este ano passado na Itália, os poucos momentos de alegria e os muitos momentos de tristeza de desespero. Penso comigo: Será que sou eu mesmo que estou aqui, que voltou ileso desta campanha, sem nem um arranhão? Alegro-me então e agradeço a Deus esta grandiosa proteção.

Lembro-me também, nestes momentos, com pesar e com saudades, dos companheiros mortos no cumprimento do dever: o Pinheiro, o Armando, o Bertisse, o Morais, o Tassini, o Rossin. As famílias destes bravos agora, no momento da nossa chegada, devem estar com o coração sangrando por não ver entre os alegres soldados que desfilarão a fisionomia dos seus entes queridos.

Hoje começamos a viajar ao longo da costa brasileira, porém um pouco afastado. Um dos oficiais da Marinha Brasileira disse-nos que só veremos terra no dia da chegada.

Agora a viagem está bem diferente da que fizemos quando fomos para a Itália. Agora não

há mais escurecimento e podemos passear a vontade pelo convés apreciando o céu estrelado. A viagem agora se aproxima muito de uma viagem de recreio.

Atlântico, 16 de julho de 1945

A viagem continua sem novidades. Houve cinema hoje para os oficiais, às 18h30. Filme muito bom. Como sempre filme-revista, pois nós compreendemos pouco, ou, dizendo logo a verdade, nada entendemos do inglês. Soube hoje que a chegada será dia 18 às 8h. Já se ouve no rádio as estações brasileiras: a Nacional, a Tupi e outras. Ontem ouvimos a irradiação do jogo Flamengo e América, que infelizmente terminou com a vitória deste último.

Atlântico, 17 de julho de 1945

É o último dia nosso a bordo. Todos estão radiantes, antevendo o prazer que irão ter ao rever as respectivas famílias. Cada um já tem um plano pré-estabelecido. Às 4h encontramos com um destróier brasileiro que veio nos dar boas vindas. É o primeiro contato com o Brasil. Amanhã enfim chegaremos, depois de centenas de noites passadas em claro e de cru-

entos sacrifícios. Isto tudo, porém, será esquecido quando estivermos de novo no aconchego do lar. Entrei de serviço às 22h e saí às 24h. Vou dormir um pouco, pois amanhã será um grande dia.

De volta ao Rio

V EXÉRCITO AMERICANO

FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA — Quartel General em Itália

ESCALÃO AVANÇADO DA 1a. D.I.E. — Em 25 de Agosto de 1.944

-: ADITAMENTO AO BOLETIM INTERNO Nº 16 :-

PARA CONHECIMENTO DÊSTE ESCALÃO AVANÇADO E DEVIDA EXECUÇÃO, PUBLICO O SEGUINTE:

I - DIA DO SOLDADO - SAUDAÇÃO FEITA À TROPA BRASILEIRA -

General Mascarenhas, General Zenóbio, oficiais e soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira, eu vim aqui esta manhã para saudar-vos, apresentar-vos as bôas vindas do V Exército e dizer-vos quão sincero é o nosso orgulho de vos ter ao nosso lado. Reuniste-vos a uma organização combatente, o V Exército. Desejo-vos dizer alguma cousa sôbre o V Exército, do qual fazeis parte no presente momento.

Dentro de poucos dias, o 9 de Setembro, marcará o primeiro aniversário do nosso desembarque em Salerno. Depois de Salerno, como vós sabeis, lutamos desesperadamente e vencemos os esforços do inimigo no sentido de nos lançar novamente ao mar. Então viemos lutando pela costa até o grande porto de Nápoles. Depois, lutamos nas montanhas, neve, lama e chuva e finalmente desembarcamos na cabeça de praia de Anzio, onde ainda uma vez, vencemos os esforços do inimigo, em suas tentativas para nos lançar ao mar. [illegible] uma grande vitória em Anzio e matamos milhares de inimigos. Em Anzio, fomos [illegible] ao seu flanco. Esta ameaça em conjunto com o nosso avanço de [illegible], [illegible] finalmente a libertar a primeira capital européia sob o domínio nazista. Capturamos Roma.

Continuamos o avanço por mais cêrca de 200 milhas, e estamos agora na linha Pisa-Florença. Aprisionamos 47 mil alemães; destruimos outro tanto dêles. Aniquilamos muitas das suas divisões e derrotamo-las em todos os campos de batalha onde os encontramos.

Não pensais que a missão do V Exército já terminou. Estamos começando, e vós - da Fôrça Expedicionária Brasileira - tereis grande parte nas grandes vitórias que estão para vir. Vossa presença aqui hoje, não é senão, mais uma prova da identidade de ideais que existe entre nossas duas grandes nações. Vós representais a nata do Exército Brasileiro. Vós estais muito bem chefiados; vós tendes ótimos comandantes no General Mascarenhas e no General Zenóbio. Vossos oficiais subalternos estão muito bem treinados. Vós estais perfeitamente equipados. Com vosso espírito combativo grandes dias vos esperam.

Gostei muito do que vi esta manhã. Vós tendes um aspécto decidido. Percebi, pelas observações que fiz durante a revista, que sois bem disciplinados. Não vos esqueçais de que a disciplina é o fator mais importante para quem quer ganhar batalhas. Vós estais recebendo o mesmo treinamento que foi dado a outras unidades do V Exército. Reconhecereis quando encontrardes alemães, que nada tendes a temer dêles, com efeito, êles terão medo de vós. Vós os derrotareis e os aniquilareis em tôda parte onde os encontrardes. Vos cobrireis de glórias e escrevereis um belo e brilhante capítulo na história da vossa amada Pátria, o Brasil.

Nada poderia ter sido mais próprio neste vosso grande dia, o dia de CAXIAS, do que tomardes o vosso lugar de combatentes ao lado do V. Exército e renovar vossos juramentos de destruir o vosso odiado inimigo.

Grandes dias vos esperam. Desejo-vos muitas felicidades e que Deus vos abençôe.

Mark W. Clark

MARK W. CLARK

COMPLEMENTO

Um diário esquecido

Foram 239 dias de combates. Ao todo 483 soldados brasileiros morreram. Ítalo voltou ao Brasil disposto a continuar a carreira militar, sua vocação de vida. Após a guerra, ele serviu em Caçapava (SP), onde conheceu a paulistana descendente de italianos Theodosia Provasi. Com ela casou no dia 28 de maio de 1947 e teve cinco filhos: Edna, Eliane, Elcio, Edson e Eduardo. Durante os anos na ativa, também serviu no Rio de Janeiro (RJ), Juiz de Fora (MG), Aracaju (SE), Brasília (DF) e Niterói (RJ). Entre os comandos, destacaram-se o 28º Batalhão de Caçadores (BC) e a 2ª Circunscrição do Serviço Militar (CSM). Entrou para a reserva no posto de coronel, em 11 de novembro de 1976, sendo administrativamente promovido a general. Viúvo, casou novamente no dia 7 de fevereiro de 1975 com a também viúva Maria Eugênia Barrow, com quem não teve outros filhos. Em 1995, a convite do governo da Itália, esteve naquele país participando das comemorações dos 50 anos da libertação. Faleceu aos 79 anos, no Rio de Janeiro, no dia 9 de maio de 2002, sendo promovido a marechal para efeito de benefícios.

O conteúdo do seu diário de guerra, sobretudo nas críticas à atuação do comando brasileiro, embora partindo de um jovem tenente, poderia ser comprometedor a um oficial do

Exército. Talvez por isso, ou talvez por se constranger das paqueras e do jovem que era – este jovem certamente ficou em parte na Itália – ele só mostrou o diário à mãe. E foi através de dona Dega que a mulher e os filhos souberam alguma coisa da guerra, pois durante todos os anos de vida Ítalo jamais voltaria a comentar aqueles dias. No entanto não se desfez do seu relato. Ao contrário, manteve-o sempre bem guardado, assim como os documentos anexados, talvez ciente da importância futura que ele poderia ter para registrar historicamente um pouco da verdadeira atuação do Brasil na II Guerra Mundial.

Dia da visita do general Eisenhower (06/08/1946)

* * *

Da última vez que estive com meu pai, no final de 2001, alguns meses antes dele falecer, perguntei mais uma vez sobre o diário. Eu disse que gostaria de ler e, talvez, editar. Ele sorriu e desconversou: "Não sei nem onde está". Na linguagem silenciosa que desenvolvemos entre nós, era o mesmo que dizer: "Para que pressa? Ele está guardado. Um dia você vai ler.

Eduardo Diogo Tavares

Salvador-BA, 28 de agosto de 2003